edição #10, setembro 2019

# relvado

ENTREVISTA COM PIERRE VAN HOOIJDONK

O OUTRO LADO DE DARIO DUBOIS

MIA HAMM: ROMPENDO BARREIRAS

A METAMORFOSE DO ATLÉTICO DE SIMEONE

# relvado

**edição #10 | setembro 2019**

***Impressão***
Gráfica Letras e Versos

**Redação e Revisão**
Anderson Moura
Felipe Portes
Fernando Cesarotti
Rodrigo Salvador
Wladimir Dias

**Arte e Diagramação**
Felipe Portes

**Agradecimentos**
Alex de Souza
Pierre van Hooijdonk

**Contato**
E-mail: revistarelvado@gmail
Twitter: revistarelvado
Instagram: revistarelvado
Facebook: revistarelvado

***revistarelvado.com.br***

Assine a *Relvado* e concorra a brindes mensais. Como assinante, você tem acesso antecipado às edições, todo o acervo da revista à disposição e desconto nas edições mensais. Planos populares a partir de R$5.

revistarelvado.com.br/assine-a-relvado

relvado

# ÍNDICE


EDITORIAL: LA DÉCIMA 4
BOTÕES: YOKOHAMA FLÜGELS 1998 6
RABISCANDO: FEDERICO BERNARDESCHI 8
DETALHES: MI CASA, SU CASA 10
NO CABIDE: BULGÁRIA 1994 12
VENCER VALE MAIS DO QUE ENCANTAR 14
UMA SANTA CAMPANHA 20
UMA CARTA PARA VINTE ANOS ATRÁS 28
O ARGENTINO QUE PINTAVA O ROSTO ANTES DA GUERRA 32
OS DOIS LADOS DA ESTRELA NEGRA 36
KARLSRUHER '94: UM SONHO EM ANO DE CENTENÁRIO 46
MIA HAMM: ROMPENDO BARREIRAS 50
O CAMINHO À EFICIÊNCIA 56
O RIDÍCULO MILAN PRÉ-BERLUSCONI 64
O CABECEIO IMPOSSÍVEL 68
PIERRE VAN HOOIJDONK 72

# La Décima

Editorial | Por Wladimir Dias

*La Décima.* Para o Real Madrid, ela demorou 12 anos para chegar. Aqui, na *Relvado*, foi preciso pouco mais de um ano e meio. Obviamente, isso não é uma comparação, mas uma brincadeira que não se presta a nada, senão à demonstração do quão importante é o momento vivido pela publicação. A humanidade, por alguma razão, definiu que ciclos marcados por múltiplos de 10 têm relevância. Aqui, o fim deste primeiro ciclo confirma que conseguimos manter nossos compromissos, com o conteúdo e a periodicidade.

O número traz também a proposta de reflexão. Há coisas que foram feitas e não mais serão, como também existe um leque de possibilidades em aberto. Os objetivos de curto e de longo prazo

permitiram o caminhar, sobretudo em momentos de desânimo. Este percurso, em que seguimos, é tortuoso. Não apenas por se tratar de um produto ainda novo, mas também por estar inserido em um contexto que não favorece o surgimento de novidades jornalísticas, que não se contentam com o rumor e a especulação. Porém, confirmamos que é possível fazer um produto futebolístico que entretenha sem ser banal.

Não há quem conduza a *Relvado full-time*. Labutamos em outras frentes, temos formações diferentes, idades desiguais. Sofremos no dia a dia por distintas agremiações (sim, é claro que, como vocês, também temos uma camisa em constante vai e vem, do varal para o corpo, e vice-versa). No entanto, se essas vidas guardam dessemelhança, também revelam o amor comum pelo futebol, a grande história, a narrativa. Então, enxergamos na chegada da *Relvado* #10 uma vitória. A publicação persiste. O impresso já chegou. E, se me permitem uma confidência, o processo de produção é trabalhoso, mas todo o esforço vale a pena quando pegamos o primeiro rascunho de um texto e, com verdadeira admiração pela produção uns dos outros, nos sentamos à editar e lapidar.

*La Décima* também traz o rompimento de novas barreiras, como vocês vão perceber na chegada ao clímax desta publicação, a entrevista. Olhamos para fora, sem perder de vista o que está ao redor. Afinal, um dos motivos de o futebol ser tão apaixonante, é sua universalidade em meio à diversidade. Fomos a Gana e estivemos em Pernambuco. Rimos um pouco de Berlusconi e batemos bola com Mia Hamm. Pintamos a cara, tatuamos o corpo e nos vestimos com a pompa e a circunstância que uma Copa do Mundo pede. Visitamos nanicos e gigantes. Passeamos pelo imaginário e, com saudade, flertamos com a infância. Como vocês logo verão.

Esta edição, este marco, reforça nosso pacto original, com o esporte e suas histórias. Enquanto este acordo estiver vigente, estaremos por aqui. De dois em dois meses. Esperando pela vinda de *La Vigésima, La Trigésima, La Cuadragésima*... Ah! Antes que vocês, caros leitores, avancem aos textos, ouçam bem: obrigado. ■

# Yokohama Flügels 1998

Texto e arte por Felipe Portes

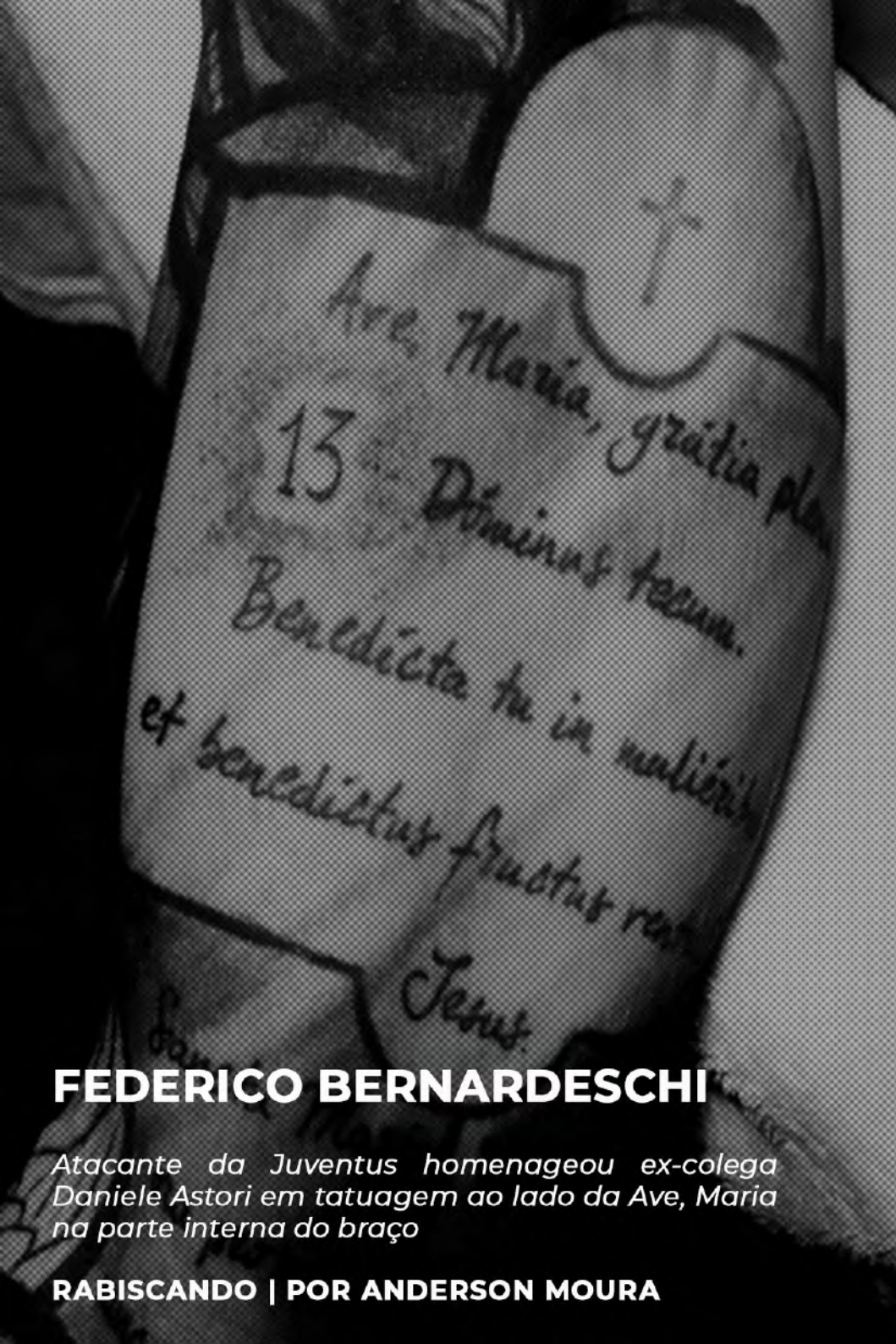
Cidade | Yokohama
Fundação | 1964
Temporada | Campeão da Copa do Imperador
Time base | Seigo Narasaki, Jin Sato, Takeo Harada, Koji Maeda, Yasuhiro Hato, Cesar Sampaio, Motohiro Yamaguchi, Atsuhiro Miura, Hideki Nagai, Takayuki Yoshida, Yoshikiyo Kuboyama. Técnico: Gert Engels

Fechar as portas de um clube com título é uma despedida impossível de se imaginar. Mas foi este o caso do Yokohama Flügels, em 1998, em sua última partida.

Debilitado com a saída de sua patrocinadora, a empresa de aviação ANA, o Flügels foi extinto e se fundiu com o outro time da cidade, o Marinos. Ironicamente, a agremiação encerrou

sua história como campeã da Copa do Imperador no primeiro dia de 1999, vencendo por 2 a 1 contra o Shimizu S-Pulse. Kuboyama e Yoshida fizeram os gols do bicampeonato do Flügels na competição. Coube ao ex-palmeirense Cesar Sampaio ser o destaque do time. Ele era o único estrangeiro na escalação titular e o último dos atletas com passagem pelo Palmeiras a defender o clube.

Na mesma década, Edu Marangon, Evair, Zinho, Válber e Fernando Rech defenderam o Flügels, estabelecendo uma relação especial entre os dois países. Sampaio retornou ao Palmeiras logo após o título da Copa do Imperador. Certas coisas parecem escritas pelo destino. ■




# FEDERICO BERNARDESCHI

*Atacante da Juventus homenageou ex-colega Daniele Astori em tatuagem ao lado da Ave, Maria na parte interna do braço*

**RABISCANDO | POR ANDERSON MOURA**

*Divulgação/Juventus*

Contando com o Estado do Vaticano dentro de seu território, a Itália ainda é um país fervorosamente católico. Dentre os 87% de italianos que se declararam católicos no último levantamento do gênero, Federico Bernardeschi, atacante da Juventus, deixa sua fé clara e estampada em sua pele. Em toda a extensão de suas costelas direitas, faz-se presente a oração do Pai Nosso em latim. Já do lado esquerdo, está a oração do Anjo da Guarda. Nas costas, uma imagem de Jesus Cristo, que foi sua primeira tatuagem. Fechando toda a parte externa do braço direito, uma composição que conta com outro Jesus e o sagrado coração de Maria se assemelha muito ao vitral de uma igreja. Fugindo dos temas religiosos, Federico tinha em sua pele uma imagem da atriz Audrey Hepburn, que fez quando tinha apenas 16 anos. Segundo ele, era uma homenagem a todas as mulheres, pois elas são as coisa mais bela que existe no mundo, mas o desenho não era do melhores. Por fim, outra homenagem que, apesar de ser pequena no tamanho, tem enorme no significado. Buscando se firmar no time principal da Fiorentina, ainda muito jovem, Bernardeschi procurava um modelo a seguir dentro do elenco e achou sua inspiração no zagueiro Davide Astori. Quando o amigo e ex-capitão veio a falecer, em 2018, Federico tatuou o número que o zagueiro usava (13) ao lado da oração da Ave, Maria que tem na parte interna do braço. ■

# mi casa, su casa

*egito e áfrica do sul lutaram dentro e fora dos campos, com um êxito para cada. quem foi o verdadeiro vencedor?*

**detalhes, por wladimir dias**

Janeiro, dia 08. Oficialmente, a Copa Africana de Nações abandona Camarões. A falta de infraestrutura e segurança (diante de ameaças de ataques do grupo terrorista Boko Haram) impede que os Leões Indomáveis sediem o torneio mais importante do Berço do Mundo. África do Sul e Egito disputam a chance de receber a competição. Para os *Bafana Bafana* é a possibilidade de acolher o certame pela terceira vez, depois de 1996 e 2013. Para os Faraós, trata-se de uma quarta oportunidade (após 1974, 1986 e 2006).

Em Senegal, o Egito é escolhido. A massacrante votação, 16 a 1, enfurece os representantes sul-africanos: "Tecnicamente, não existe país na África mais apto a receber a CAN [...] Nossa delegação se preparou para uma apresentação na quarta-feira apenas para descobrir que os egípcios já estavam ali há um tempo [...] prontos para apresentar seu caso", acusa Russell Paul, chefe executivo da Associação Sul-Africana de Futebol. Controvérsia à parte, o momento traz lembranças doces ao Egito. Ainda que em 1974 o país tenha ficado apenas em terceiro lugar, em 86 e 2006 foi o campeão. Além disso, a nomeação traz alegria a um povo que sofre o maior dos reveses: depois de se mobilizar em torno de uma esperança de mudança, o câmbio aconteceu, mas, ao contrário do que se poderia supor, a dureza aumentou durante a Primavera Árabe.

A despeito disso, quando a bola rola, a esperança se renova em torno de um nome: Mohamed Salah — lembrando que o Egito lidera o ranking de títulos do campeonato, com sete. No entanto, jogar em casa é como lutar com uma faca de dois gumes. O apoio costuma vir das arquibancadas, mas também a apreensão. Três vitórias na fase de grupos parece um bom desempenho, certo? Sim, não fosse o fato de terem sido contra Uganda, Zimbábue e RD Congo, diante de multidões superiores aos 70 mil pagantes. E, claro, tendo no ataque a estrela maior do atual campeão europeu. Um triunfo por 1 a 0 e outros dois por 2 a 0 deram apenas para o gasto.

Nas oitavas de finais, o Egito enfrenta a África do Sul. A tensão permeia o encontro. Gols são perdidos pelos donos da casa e Thembinkosi Lorch oferece o solitário golpe fatal. Insuficientes, os Faraós caem. Na saída do jogo, ninguém fala. Bastam as lágrimas.

A vingança é um prato que se come frio, dizem. No dia 6 de julho, sob os olhares esperançosos de 75 mil pessoas, os Bafana Bafana comemoram como se estivessem em casa. Ao que parece, o Egito foi um bom anfitrião. ■

# Bulgária 1994

**Fornecedora:**
Adidas

**Quem vestiu:**
Hristo Stoichkov, Trifon Ivanov, Yordan Letchkov, Krasimir Balakov e Emil Kostadinov

**Campanha:**
Quarto lugar na Copa do Mundo

**Combina com:**
Uma peruca com mullet

NO CABIDE

Twitter/Fifa

O desenho você já conhece. Três barras diagonais nas costelas, gola em formato inovador para a época, barras das mangas nas cores da bandeira e fonte Libero. A Adidas brilhou na Copa do Mundo de 1994 graças ao desempenho surpreendente de três seleções nanicas: Suécia, Romênia e Bulgária. Duas delas foram semifinalistas e outra parou nas quartas, mas deixou saudade. Escolhemos, portanto, a da Bulgária para inaugurar a editoria No Cabide. Por quê? Trifon Ivanov. O homem que foi um dos ícones estéticos daquele Mundial, para o bem ou para o mal. A combinação da camisa 3 com o mullet, a cara de ressaca pesada e o alviverde do calção causam um efeito nostálgico fortíssimo.

A Bulgária estreou perdendo para a Nigéria na competição, mas depois se recuperou e cresceu até a semifinal contra a Itália, quando foi derrotada e caiu de maneira honrosa. Doce pedaço da memória afetiva de quem viu aquela Copa de 1994, e que certamente rendeu muito dinheiro a pequenos produtores de réplicas de camisas de futebol Brasil afora... ■

# VENCER VALE MAIS DO QUE ENCANTAR

*Como a Holanda traiu a própria identidade para se tornar competitiva e vencer a Espanha na final da Copa do Mundo de 2010*

**HOLANDA | POR FELIPE PORTES**

Joanesburgo, 11 de julho de 2010. O mundo conhece, neste dia, um campeão inédito na principal competição do futebol. Apesar das críticas ao tédio e aos jogos enfadonhos, sem falar na influência da bola, a famigerada Jabulani, em chutes de longe, a Copa do Mundo da África do Sul tem um clímax especial. Duas escolas que beberam da mesma fonte e ainda assim seguiram estradas gritantemente opostas se enfrentam. É hora de colocar a primeira estrela acima do escudo.

Espanha e Holanda representam antíteses em muitos sentidos. Uma tem dois dos clubes mais poderosos do mundo em sua liga — com direito a Lionel Messi e Cristiano Ronaldo como rivais —, apelo de marketing, e vem de uma conquista na Eurocopa. A outra, que perdeu duas decisões consecutivas em Mundiais e teve em 1988 sua única glória, sempre pareceu mais intrigante e atraente. No futebol de clubes, é inegável que a Espanha possui mais tradição, feita justiça aos títulos europeus dos holandeses nos anos 1970 e 80.

Dito isso, na segunda metade dos anos 2000, a Espanha deixou de ser o time que jogava como nunca e perdia como sempre. O estalo de 2008 fez uma geração se diferenciar das demais não só pelo que prometia, mas também pelo que entregava. A Holanda, pelo contrário, cansou-se de montar seleções incríveis com talentos memoráveis, mas que sempre falharam antes do último passo. Em 2010, aos trancos e barrancos, chegou à sua terceira decisão de Copa, desrespeitando seu histórico de arrojo e elegância.

É como se Rembrandt abdicasse de fazer retratos extremamente precisos, coloridos e ricos em detalhe para fazer rabiscos em uma só cor, com uma cadência violenta e previsível. Ainda seria arte, mas com uma concepção diferente e causando reações controversas e questionadoras. Ninguém olha para um quadro de Rembrandt e se pergunta: será que isso é mesmo uma expressão artística? Mas quando a Holanda de Bert van Marwijk estava em campo, a principal crítica era à renúncia técnica em troca de uma virilidade exacerbada.

Antes da decisão, o percurso foi um tanto acidentado para ambos — sobretudo para a Espanha, que perdeu na estreia para a Suíça e

teve de superar a Alemanha, favorita, na semifinal, depois de flertar com uma eliminação imprevista contra o Paraguai na fase anterior. Do outro lado, a Holanda protagonizou a façanha de uma virada contra o Brasil e a eliminação do queridinho Uruguai nas semis. Na final, é outra história. Tudo muda.

Enfim. A bola rola e a Espanha se preocupa em jogar: tique, taque. A Holanda, em sua missão de rompimento com a corrente cruyffiana, intimida. Bate. Dá até voadoras, como a de Nigel de Jong no peito de Xabi Alonso. Mas o juiz acha que é só para amarelo. Se em 1978 os holandeses reclamavam do estilo espinhoso e desleal da Argentina em Buenos Aires, agora eram eles a serem criticados pela truculência.

Quando Bert van Marwijk escala De Jong e Mark van Bommel como sua dupla de volantes, ele não quer só marcar e cobrir uma zona do campo. Ele quer passar um recado com seus cães de guarda: está terminantemente proibido cruzar esta linha, mesmo porque a retaguarda não era lá essas coisas.

Assim, os espanhóis progridem lentamente, às vezes até demais. Tocam exaustivamente a bola. Seus rivais, cautelosos na cessão de espaço, fazem parecer que o jogo mais esperado dos últimos quatro anos é uma disputa entre o carteiro e o cachorro bravo. Será preciso muita coragem para entregar o envelope ao destinatário.

Se engana, porém, quem pensa que a Holanda só se retrai. Ela também toma a posição ofensiva, sai em velocidade e depende dos piques de Arjen Robben para levar algum perigo. O careca recebe uma bola longa de Wesley Sneijder, aos 61 minutos. Chegamos ao momento crucial.

Robben, até aqui em sua carreira, é um jogador respeitado por sua técnica refinada, ainda que contestado por ter apenas um drible óbvio (mas eficaz) em seu repertório. As lesões colocaram certa dúvida em seu potencial, mas é isso que ele quer combater nesta noite em Joanesburgo.

Como um zíper, Sneijder aciona o companheiro em um passe reto, superando as linhas espanholas. Robben recebe, ajeita o corpo,

Twitter/Fifa

a passada, e segue completamente sozinho até a área. Iker Casillas mantém a frieza e sai para diminuir o ângulo do atacante. Quando Robben já encurta as pernadas e prepara o chute, o estádio se cala.

O mundo também, do outro lado da TV. No meio da primeira faixa de grama da grande área, Casillas se decide e salta aos pés de Arjen. Mas o camisa 11 tem outro plano: encobrir o arqueiro. A bola cai suave e sem obstáculos no fundo das redes. A Holanda abre o placar. Os valentões de laranja comemoram efusivamente o sangue derramado.

A Espanha nunca esteve nessa situação antes. É um golpe inesperado e eles provavelmente não sabem como reagir ou o que virá depois. Johan Cruyff, do conforto de sua casa em Barcelona, está torcendo por eles. Não por deixar de se sentir holandês, mas por discordar frontalmente da abordagem de Van Marwijk na Copa. Os trinta minutos finais foram arrastados, modorrentos e com apenas três chances.

No duelo de xadrez, a Holanda venceu ao socar o tabuleiro e derrubar as peças alheias. Mas, ao fim do dia, era campeã mundial,

algo que Cruyff e seus revolucionários comparsas não haviam conseguido em 1974 e 78. As manchetes dos jornais ao redor do planeta eram: "Injusta redenção: Holanda vence Espanha na marra e alcança feito inédito".

Ainda que fosse um crime de lesa-pátria alçar Robben a um papel superior ao de Cruyff pelo gol histórico, era inegável que o careca conseguira levar sua seleção para além da imaginação. Se a Laranja Mecânica entrou para a eternidade com um vice, a Laranja Brutal acotovelou sua trajetória até a taça.

Em sua coluna de segunda-feira, 11 de julho, no *Telegraaf*, Johan não gastou caracteres para celebrar o feito: "Claro que eu não vou colocar os 11 jogadores na mesma prateleira, mas é por pouco. Eles não queriam a bola. E lamentavelmente, tristemente, jogaram sujo. Tão sujo que deveriam ter ficado com nove em campo. Vi duas faltas muito feias e duras que até eu senti a dor. Me machuca pensar que eu estava errado em minha discordância com esse estilo, mas em vez disso, a Holanda escolheu um caminho horrível para chegar ao título. Esse futebol feio, vulgar, duro, hermético e pouco atrativo serviu para que os holandeses desestabilizassem a Espanha. Se isso os satisfaz, tudo bem. Mas eles estavam jogando o anti-futebol", disparou.

Nas ruas de Amsterdã, evidentemente, ninguém deu muita bola para Cruyff ou para a imprensa holandesa que ponderava as diferenças entre 1974 e 2010. Não é como se o país tivesse perdido a vontade de vencer por conta da decepção estética e ideológica de seus jogadores. E sequer é necessário um nobre pretexto para colorir as ruas de laranja. Feio ou não, o importante é poder gritar que se é campeão.

Se ainda não ficou suficientemente claro tudo isso que foi contado até aqui, apenas o gol de Robben e seu desdobramento são desvios de imaginação. A Holanda ficou a uma expulsão de John Heitinga e um gol de Andrés Iniesta da tão sonhada redenção em Copas.

Cruyff realmente escreveu aquilo sobre a seleção de 2010 em sua coluna no *Telegraaf.* E não há a menor dúvida de que ele teria dito exatamente as mesmas palavras em caso de vitória. ■

# FOOTURE

## Podcasts Futeboleiros

### The Pitch Invaders

Grandes convidados e análises profundas sobre o que acontece dentro e fora das quatro linhas.

### Calciopizza

Leo Bertozzi, Mairon Rodrigues e grande elenco debatem o futebol italiano com pautas atuais e históricas.

### Entrelinhas

Léo Miranda e Renato Rodrigues analisam e debatem assuntos relevantes do futebol brasileiro e internacional.

### Footurismo

Paulo Calçade e Eduardo Tega falam sobre as tecnologias e inovações que vão mudar o futebol.

### El Perro Invasor

O Footure em espanhol. Convidados de vários países trazem as mais diversas visões sobre o futebol.

**Disponíveis nas plataformas:** **www.footure.com.br**

# UMA SANTA CAMPANHA

*Em 1975, Santa Cruz representou o futebol pernambucano e, com méritos, alcançou uma semifinal improvável*

**BRASIL | POR WLADIMIR DIAS**

Fazia pouco mais de 60 anos desde que um grupo de estudantes, todos menores de idade, tomara a decisão de formar um clube de futebol, nas cercanias da Igreja da Santa Cruz, ali no bairro da Boa Vista, no Recife. Três anos antes, em 1972, aquele mesmo time recebera uma casa. Era 7 de dezembro e o Brasileirão se aproximava de seu fim. No Arruda, o Santa Cruz carregava o orgulho de seu estado e região; fazia festa para um elenco que pararia ali, mas não perderia seu lugar no rol dos mais importantes do país. Vivia-se o ano de 1975.

**Superando a ressaca**

O Santa Cruz chegou ao ano de 1975 sofrendo com os efeitos de uma ressaca indesejada. Depois de obter o pentacampeonato pernambucano, entre 1969 e 1973, o time da Cobra Coral foi vice-campeão em 1974 e sequer disputou a finalíssima daquele ano, vencida pelo Sport. O certame estadual terminara em 6 de agosto para o Santa, com uma nota positiva: goleada contra o América, 6 a 0. No entanto, não foi o suficiente para ignorar o fato de que não chegou à decisão.

Para a disputa do campeonato nacional, o time trocou de comando, com a chegada de Paulo Emílio. O treinador mineiro havia acabado de conquistar o Campeonato Carioca com o Fluminense, mas os cariocas decidiram mudar de direção. Segundo o comandante, em entrevista à *Folha de São Paulo*, "o Francisco Horta, presidente do clube, foi o patrão, tinha todo o direito de demitir o empregado. Ele disse que o clube precisava de uma 'estrela internacional', alguém mais famoso do que eu para dirigir os jogadores famosos que estava comprando".

Melhor para o Santinha, que o abordaria já com o campeonato em andamento. Paulo era um velho conhecido da Poeira, como ficou conhecida a torcida do clube, cuja base, desde as origens, esteve ligada às camadas mais populares da sociedade recifense. Em 1973, era o treinador do time no título estadual, tendo trabalhado com alguns dos nomes que reencontrou em 1975 — gente como Givanildo. Apesar disso, havia mesmo um período de instabilidade para ser deixado para trás. E o início de Brasileirão não foi dos melhores para o Santa Cruz. Com um daqueles formatos bizarros e característicos da época, o torneio era dividido em três fases de

grupos, semifinal e final. A princípio, 42 times foram dispostos em quatro grupos: A e B com 10 clubes; C e D com 11. Os cinco primeiros de cada um avançavam a outros dois grupos de 10 equipes. A seguir, passariam os seis melhores de cada um, aos quais seriam adicionados mais quatro clubes, vindos de uma repescagem disputada pelos 22 que ficaram pelo caminho na fase inicial. Os 16 finalistas se digladiariam por quatro vagas, novamente separados em dois grupos. A dupla melhor colocada de cada um avançaria às semifinais. O primeiro de um lado enfrentaria o segundo do outro, em jogo único. Daí, sairiam os finalistas.

Em um primeiro momento, a campanha do clube pernambucano esteve próxima daquilo que era a expectativa inicial: a mediocridade. Na fase inicial, o Santinha ficou no Grupo C. A campanha foi bem fraca, com o clube se classificando no apagar das luzes, em quinto. Não era um grupo fácil, mas alguns resultados foram realmente ruins. A Cobra Coral perdeu na estreia para o São Paulo, 2 a 1, em casa. Perderia também para Internacional e Desportiva-ES. Ficaria apenas no empate com Vasco, Goiás, Bahia, CEUB-DF e com o rival Sport. Venceria só o Americano de Campos, o Náutico e o CSA.

Um desses jogos deu o tom do que era o torneio do time até aquele momento. No dérbi contra o Sport, ao final dos primeiros 45 minutos, o placar sinalizava 3 a 3. A arquibancada não hesitou na busca por um culpado para aquele placar bailarino: Jair, o goleiro baixinho (1,72m). Até ali, aliás, Paulo Emílio não estava no comando, entregue ao auxiliar Amauri Santos. Sem saber o que fazer, o chefe ouviu a torcida e colocou o arqueiro reserva, Gilberto. Essa disputa, inclusive, se tornaria uma das grandes narrativas daquela campanha.

**Tranquilidade para o bote**

Cambaleando ou não, o Santa Cruz chegou à segunda fase. E logo na primeira partida deu indícios de algo havia mudado. Os pernambucanos viajaram a Belo Horizonte, para enfrentar o Cruzeiro, um dos favoritos ao título. À sua maneira, seguraram o ímpeto celeste. Viram Zé Carlos abrir o marcador, mas não se afobaram, buscando o empate, com Mazinho. Aliás, na surdina o time conseguiu outro bom resultado na sequência. Venceu o Corinthians por 1 a 0, outra vez com gol de Mazinho. Tranquilo.

Foi nesse sentido que relatou a revista *Placar,* em 17 de outubro daquele ano: "O Santa se serviu: atacava e atacava. Até porque, no desespero, o Corinthians se livrava da bola de qualquer maneira [...] tentou mudar no segundo [tempo], através de Vaguinho. Mas sua calma durou pouco. Aos 10, Mazinho cabeceou firme: 1 a 0 [...] Depois, o Santa Cruz tratou de segurar a vantagem na base da cabeça fria. O que, por sinal, já havia feito no meio de semana, quando deu excelente prova de maturidade no Mineirão".

A saga tricolor seguiu bem. Na terceira rodada, vitória fora de casa contra o Coritiba: 1 a 0; de volta a Recife, empate sem gols contra o Guarani; e, outra vez em seus domínios, triunfo contra o Atlético, 2 a 0. Então, na sexta rodada veio a confirmação de que um sonho que antes não passava disso, estava se realizando. O Santa viajou a São Paulo, para enfrentar o Palmeiras, o bicampeão nacional de 1972 e 1973. Na marra, levou a melhor: 3 a 2. Lula, que mais tarde passaria a ser lembrado como Lula Pereira, Volnei e Pio marcaram seus gols, com Mário e Nei descontando para o alviverde.

No entanto, é difícil pensar em uma equipe de excelente campanha no Campeonato Brasileiro e que não tenha sofrido instabilidade no curso do certame. Os torcedores do Santa Cruz podiam até pensar que já haviam vivido o pior na fase inicial, mas outra instabilidade era aguardada. Em casa, o time perdeu para o Flu, 1 a 0. E depois apenas empatou com o Tiradentes-PI. Naquela altura, a *Placar* bem que tentou avisar: "O Santa que se cuide". Porém, ele não se cuidou e empatou outra vez, contra o Remo, em Belém. A sorte é que naquele momento a luta era por um lugar melhor na tabela, já que a classificação já estava assegurada. Assim, viajou tranquilo para o Rio de Janeiro.

Contra o América, retomou a boa forma, ganhando por 3 a 1. Volnei, Fumanchu e um jovem centroavante de nome Nunes foram às redes. Este, porém, seria visto poucas vezes naquela temporada. O time acabou avançando à terceira fase com a segunda colocação do Grupo 2.

**Goleiro bom tem que ser alto?**

Depois de perder a vaga para Gilberto, Jair precisou esquentar banco. E quase nem isso. Pouco impressionada com a forma do

arqueiro, a diretoria do time chegou a requerer que o auxiliar Amauri Santos deixasse o ex-titular de fora do banco, garantindo que ele seria dispensado. Isso ocorreu às vésperas da partida contra o CEUB-DF. No entanto, o comandante não permitiu interferências na sua equipe. Embora reconhecesse que o momento pedia o afastamento de Jair dos titulares, ele ainda era visto como peça valiosa no seio do time.

A propósito, não é à toa que os ditados ganham esse estatuto. Dizem que o mundo dá voltas. Em 1975, certamente elas deram para Jair. Soberano, a partir de sua entrada, Gilberto se tornou um dos destaques do Santa. Até o jogo contra o Remo. Ali, sofreu uma contusão um tanto quanto curiosa para alguém de sua posição: distensão muscular. Imediatamente, Jair reassumiu a meta, garantindo que ela permanecesse imaculada e levando a equipe à classificação.

"Era um jogo difícil e decisivo. Estava 0 a 0 e os companheiros procuravam me apoiar, principalmente Mazinho, Carlos Alberto Rodrigues e Renato Cogo, com quem eu já havia jogado no Grêmio. Tratei de fazer o que sempre fiz: procurei manter a cabeça fria diante de qualquer situação", disse em entrevista à *Placar.* Aclamado pelo torcedor desde o reencontro, Jair não mais abandonou as traves naquele ano. Na mesma conversa, ressaltou também a importância de um rival amigo: "É difícil encontrar um verdadeiro companheiro, um colega que procure ajudar tanto como o Gilberto. Se agora já voltei a ter paz com a torcida, em parte devo a ele".

**"SANTA, A MELHOR LARGADA"**

Foi com esses dizeres, em caixa alta, que *Placar* aclamou aquilo que foi o pontapé inicial da campanha do Santa na terceira fase do Brasileirão. O time, que fizera a capa da publicação, estava em evidência e não era para menos. Pois, como indicado na reportagem "se fosse o Campeonato Gaúcho, o Santa Cruz já podia estar festejando o título". Na rodada inicial, os pernambucanos receberam o Internacional em um Arruda pulsante. Os colorados nada puderam fazer para evitar a derrota, por 1 a 0, sentenciada por Pio, em cobrança de falta. E, na rodada seguinte, foi a vez de a Cobra Coral dar o bote sobre o Grêmio, também em casa, dessa vez por 2 a 1, com Zé Maria e Mazinho, em dia de Jair. No sufoco do

fim de jogo a torcida se manifestou "olha a hora, olha a hora", mas quando ela chegou, a segunda vitória se tornou uma realidade.

O Santa Cruz parecia imparável, mesmo tendo empatado por 1 a 1 com a Portuguesa e perdido para o São Paulo, pela margem mínima. Na hora da decisão nacional, o time foi à desforra estadual. Se vingou primeiro do Sport, 3 a 1, depois do Náutico, 4 a 1. No jogo fatal, tudo podia acontecer. As vagas às semifinais estavam e aberto. O Santinha teria pela frente o Flamengo. Para os cariocas bastava um empate e o jogo estava marcado para o Maracanã. O Urubu tinha a faca e o queijo na mão. Entretanto, aquela faca se revelou um cortante de dois gumes. Conforme *Placar,* o Fla "caiu na própria armadilha. Entrou em campo para impedir que o Santa impusesse o seu jogo — e o que se viu foi Givanildo e Carlos Alberto Barbosa dominarem o meio-campo". No território de Zico, autor do gol de honra dos anfitriões, brilhou a estrela de Ramon, aquele mesmo consagrado com a artilharia do Brasileirão de 1973, com 21 gols. Ele foi às redes duas vezes, com Volnei completando o placar: 3 a 1.

**Faltou o Deus de Ébano**

Classificado em primeiro lugar, o Santa Cruz foi à semifinal, disputada em jogo único, com uma vantagem grande: decidindo em casa contra o Cruzeiro, vice-líder do outro grupo. Apesar disso, o confronto contra o Flamengo deixara uma sequela que não poderia ser ignorada. Tirara de combate aquele que ficou conhecido como o "Deus de Ébano", Mazinho. Superar essa ausência era uma tarefa das mais complexas. Alfredo, ex-meia do Guarani, foi o escolhido para a missão. No entanto, aquele que muitos apostavam se tratar do sucessor de Ademir da Guia, não passou disso, uma aposta. Ainda assim, o Cruzeiro teve de enfrentar dois colossos naquele dia 7 de dezembro: o Santa Cruz e a versão moderna da Insurreição Pernambucana, já que, no Mundão do Arruda, foram vistas bandeiras de Náutico, Sport e América em apoio ao Santinha. Ou melhor, em defesa de seu estado. A festa não demorou a começar.

Sob os olhares de Oswaldo Brandão, então treinador da Seleção Brasileira, Fumanchu abriu o placar para o Santa, cobrando pênalti. No entanto, ainda na primeira etapa, um protagonista indesejado deu as caras: o árbitro Romualdo Arppi Filho. Pouco antes do fim dos primeiros 45 minutos, o volante Zé Carlos invadiu a área

DIARIO DE PERNAMBUCO

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

Preços: Dias Úteis — Pernambuco .. .. Cr$ 3,00; Outros Estados .. Cr$ 3,50. Domingo — Pernambuco .. .. Cr$ 2,00; Outros Estados .. Cr$ 3,50

JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMERICA LATINA ✡ FUNDADOR DOS DIARIOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND ✡ RECIFE, 2ª FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 1975 ✡ ANO 151 — Nº 331

Arruda fica em silêncio. Santa foi derrotado

O Santa Cruz terminou sua participação no Campeonato Brasileiro, ao perder para o Cruzeiro, ontem à tarde, no estádio do Arruda, por 3x2, em jogo que proporcionou renda de Cr$ 610.176,00, com 38.118 pagantes. A torcida cumpriu seu papel, procurando empurrar o time da casa, que terminou caindo diante da maior experiência do clube estrelado mineiro, que vai decidir o título de campeão brasileiro com o Internacional que, ontem, derrotou ao Fluminense, no Maracanã, por 2x0.

O jogo do Recife foi presenciado pelo técnico Osvaldo Brandão, da Seleção Brasileira, e pelo presidente da Federação Mineira de Futebol, José Guilherme. O Santa abriu o escore através de Luís Fumanchu cobrando um pênalti, e Zé Carlos, em posição irregular, empatou para o Cruzeiro. Palhinha fez o segundo gol do time mineiro e o Santa voltou a empatar, através de outro pênalti, cobrado por Fumanchu. Quando tudo indicava que haveria prorrogação, Palhinha assinalou o tento da vitória de sua equipe.

Na partida do Maracanã, a renda foi de Cr$ 1.984.050,00 e os gols assinalados por Luís e Paulo César, ficando o futebol carioca fora da final, com o título de campeão brasileiro sendo decidido por dois centros fora do eixo Rio-São Paulo. (Páginas esportivas).

Fumanchu, o pênalti Paul do Cruzeiro, abre para o fundo das redes: era o segundo gol do Santa Cruz, que parecia iniciar uma reação

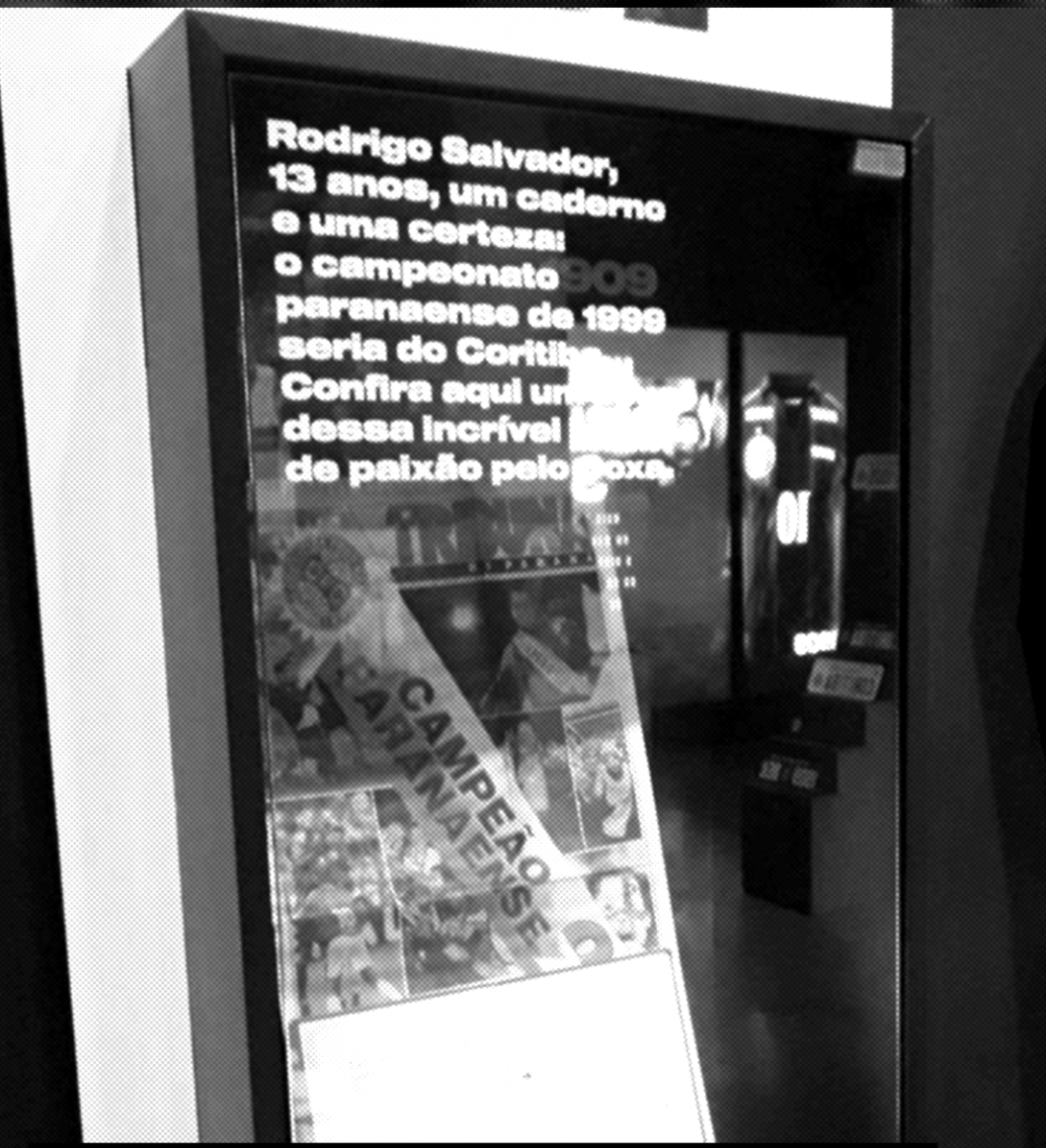
pernambucana e marcou o empate — seu impedimento sendo ignorado. Na segunda etapa, Palhinha, outro grande destaque daquela disputa, se livrou dos zagueiros Lula e Levir Culpi e fez o 2 a 1. Ainda assim, o Santa foi à luta e, talvez, a consciência do juiz tenha pesado. Aos 28 minutos do segundo tempo, foi marcado outro pênalti para o Tricolor. Dessa vez, nada claro. De novo ele, Fumanchu, foi lá e conferiu: 2 a 2.

A pressão do Cruzeiro seguia grande, mas infrutífera, até que o treinador Zezé Moreira teve uma insight. Colocou o lateral direito Isidoro em campo, adiantou Nelinho no terreno e colocou Roberto Batata mais próximo de Palhinha. A ideia de que aquele jogo iria para a prorrogação não passou disso, uma ideia. Outra vez, foi Palhinha, assistido por Nelinho, o homem encarregado de decidir: 3 a 2. A festa dos 38.118 presentes virou enterro, apesar do reconhecimento à façanha. O Santa era o primeiro time nordestino a chegar a uma semifinal do Campeonato Brasileiro. No dia seguinte, o *Diário de Pernambuco* estampou uma manchete triste: "Arruda

fica em silêncio. Santa foi derrotado". Já a Folha de São Paulo foi além da análise. Não deixou dúvidas a respeito de uma questão, a falta de Mazinho:

"[O Cruzeiro] Dominava o meio de campo, trocava bolas sutilmente e explorava com calma o nervosismo do adversário, que se atrapalhava nas jogadas mais simples e esbarrava na má colocação de Alfredo, que atuava pela direita tentando inúteis tabelas com Fumanchu, enquanto que Ramon, o atacante mais perigoso do Santa Cruz ficava isolado pelo setor esquerdo [...] a entrada Volnei no lugar de Alfredo foi fundamental. Ele correu mais, deu ânimo ao ataque".

O discurso da derrota foi uníssono: "Ninguém poderá dizer que fizemos feio. Só perdemos no último instante, quando muitos já estavam cansados e contando com a prorrogação", disse o artilheiro Ramon. "Nós até que fizemos demais!", reforçou o treinador Paulo Emílio. Assim, um time épico, que teve redenção de goleiro, uma zaga forte, com Lula e Levir, um meio-campista excepcional, como era Givanildo, e um ataque veloz e eficaz, com caras como Mazinho, Pio, Ramon e Fumanchu deixou o Arruda cabisbaixo, mas seguiu para a História. ■




# UMA CARTA PARA VINTE ANOS ATRÁS

*O que um almanaque feito por um garoto tem a ensinar a um adulto, duas décadas depois*

**BRASIL | POR RODRIGO SALVADOR**

Curitiba, 16 de agosto de 2019.

Sim, Rodrigo. Dois mil e dezenove. Eu sei que pra você é 1999, e eu chamo isso de passado. Eu sei que você está super curioso para saber como vai ser o ano 2000. Te assusta um pouco essa virada de milênio, será que vai acontecer alguma revolução maluca?

Te assusta um pouco fazer 15 anos, porque aí você já vai ser jovem, e você vê na TV que o que eles falam sobre o jovem, não é sério, o jovem no Brasil nunca é levado a sério. Eu sei de tudo isso porque, bem, eu sou você. Eu sou o Rodrigo de 33 anos. E eu vim te agradecer.

O Coxa acabou de ser campeão paranaense, não é? Você sabe contar essa história melhor que eu ou qualquer outra pessoa que vive aqui comigo hoje. Afinal, você acabou de viver isso. E anotou isso em um caderno. Eu sei disso. Eu lembro de você esquecendo de registrar alguma coisa, ou correndo empolgado pra adicionar as vitórias na Sul-Minas.

Esse caderno, ou melhor, esse ALMANAQUE que você fez por puro passatempo, é uma relíquia hoje. É o que eu e o departamento de marketing do Coxa pensamos. Eles viram a história do caderno em uma matéria, me ligaram e pediram pra usá-lo em uma ação de lançamento de uma camisa feita para homenagear o título de 1999. Desde então, ele está exposto na loja junto com esta camisa nova.

Esse aí na foto sou eu, quer dizer, você, sei lá, acho que você já entendeu essa parte. E o caderno ali é esse em que você ainda tá anotando o Brasileirão (o Mozart ainda tem cabelo, né?). Quando eu vi ali aquela página da comemoração do título, eu lembrei exatamente o que você sentiu, e fiquei feliz com a precisão com que você conseguiu expressar isso. Foi um recado seu para mim, e, por conta disso, eu percebi que precisava muito conversar com você.

Entre os seus 13 anos e os meus 33, o Coxa vai jogar a Libertadores, mas também a Série B. Não vou te dizer nem quando, nem quantas vezes. Da mesma forma, você vai ter momentos de sucesso e de derrota. Não deixe nenhum dos dois virar rotina: o fracasso por vezes vai te segurar e te convencer, as vitórias não vão te satisfazer

ou vão te acomodar. Em 1999 você ainda não entende muito de futebol, é verdade, e não se ofenda. Em 2019 eu entendo bem, bem mais do que gostaria, e pra ser sincero, tem dias que preferiria não saber disso tudo. Às vezes, eu queria que o meu envolvimento fosse como o seu. Queria ainda ver jogadores como super astros. Queria acreditar que dá pra ganhar qualquer jogo.

Vestir a camisa do Coxa não significa a mesma coisa para outras pessoas do que significa para mim. Não parece legal, e não é mesmo. A parte boa é que você sempre vai poder encontrar alguém que compartilha o seu sentimento. A parte ótima é que isso acontece também sem envolver o Coxa.

Nessa altura, você conversou com o Pachequinho, e ainda falará com muitos outros jogadores de perto. Também já deu risada do Luis Carlos Guarnieri, e ainda se divertirá com outros atletas. Já entendeu que dá pra gostar, ou não, de treinadores e presidentes.

Se eu tentar lembrar quantas pessoas vão passar pela sua vida, direta ou indiretamente, para o bem ou para o mal, vou ficar com preguiça de começar.

Mas você precisa de uma coisa importante: nunca esquecer que as pessoas são todas diferentes de você. Zagueiros ou atacantes, todo mundo tem uma beleza, um talento. Mesmo nos dias em que parecer impossível ver isso em colegas, chefes e, especialmente presidentes, nunca desista de uma pessoa.

Você sabe que o Cleber, o Sinval, o Mozart e o Gilberto nunca ganharam um jogo. Eles ajudaram o Coxa a ganhar. E você também não vai ganhar nada sozinho. Tal qual um time de futebol, tem mais ou menos 10 pessoas que estarão próximas de você pra te ajudar. Muitas outras estarão por perto e, de alguma forma, também têm mérito.

Umas tantas vão atrapalhar – e você vai acabar agradecendo a elas também, porque, de alguma forma, elas vão valorizar as conquistas. Seja sempre grato a cada um desses envolvidos, quando por eles passar. Mais importante que isso, reconheça o seu mérito nessas coisas, e nunca deixe ninguém achar que a bola que te passaram foi mais importante que o gol que você fez.

Uma última coisa: você é como o Coxa, um lutador. Quem te conhece sabe, quem não te conhece, duvida. Perde e ganha toda hora, mas as coisas costumam funcionar melhor na sua casa — aquela história do padrinho de que "sai mais gol no gol da igreja" ainda é verdade.

É preciso ter paciência, para conquistar títulos como o de 1999, nem que demore uma década para acontecer. E sempre, sempre vai ter algo pra melhorar. É o que me move, o que te move, o que move o Coxa e o futebol.

Não sei como reagiria se o Rodrigo de 2039 me escrevesse uma carta. Se ele disser que continua tudo bem com a saúde dele, da Maisa e do Francisco, acho que já estaria satisfeito (opa, spoiler, desculpe). Mas essa é a minha carta pra você. Qualquer dia a gente conversa mais. De novo, obrigado pelo caderno. ■

# O ARGENTINO QUE PINTAVA O ROSTO ANTES DA GUERRA

*O zagueiro Dario Dubois ganhou status de personagem cult. Os motivos? Vão além do que suas fotos revelam*

**ARGENTINA | POR ANDERSON MOURA**

Quem costuma julgar o livro pela capa, certamente, cometeria alguns erros na tentativa de ler Dario Dubois. A pintura de black metal no rosto e o combo, com os vastos cabelos encaracolados e a barba por fazer, constituíam a faceta mais conhecida do argentino. Porém, havia muito mais por baixo de tudo aquilo. Apesar de constantemente a imagem do roqueiro estar ligada ao álcool, Dario era abstêmio, além de vegetariano. Tudo o que podia fazer mal ao seu corpo era limado de sua rotina. Tudo o que poderia fazer bem valia o sacrifício. E assim o futebol entrou em sua vida.

No começo, o zagueiro confessou não ser exatamente um apaixonado pelo esporte. Seus motivos para tentar uma carreira no futebol foram dois: "Jogo porque me encanta a parte física, o treinamento, faz com que eu me sinta bem. Além disso, serve para custear minha carreira de músico".

Dentro de campo, Dubois não era um jogador polivalente, atuando sempre como zagueiro. Mas, quando não estava jogando, pode-se dizer que o homem era versátil. Além da carreira no futebol e da tentativa de conciliar a carreira musical em três bandas (não só de rock, sendo uma delas de cumbia), Dario ainda tentava complementar a parca renda mensal vendendo incensos e roupas psicodélicas em uma barraca de camelô, ou posteriormente à sua aposentadoria, como técnico de som em uma casa de shows.

As dificuldades eram tamanhas que a figura disse que poderia trabalhar até mesmo como garoto de programa, pois estava sempre precisando fechar as contas sem ir para o vermelho. Talvez por isso, ele pegou o dinheiro até mesmo de um árbitro que apitava seu jogo. Atuando pelo Midland, em uma partida contra os Excursionistas de Belgrano, Dubois cometeu uma falta dura e foi expulso pelo juiz. Mas quando este foi puxar o cartão vermelho do bolso dos shorts, deixou cair uma nota de 500 pesos no gramado. O zagueiro percebeu, pegou o dinheiro e saiu em disparada para os vestiários, gerando uma grande confusão digna de um filme d'Os Trapalhões. Pouco depois, o dinheiro foi devolvido, mas não sem uma alfinetada do jogador, que alegou que aquele era o dinheiro que o árbitro havia recebido para expulsá-lo. E se a busca por verba estava sempre em voga na vida do jogador, era provável que ele aceitasse uma proposta de um dirigente rival que quisesse uma vitória mais

fácil, certo? Não mesmo. Não só Dario rejeitou a negociação espúria como fez questão de denunciar o dirigente Juan José Castro. O cartola do Juventud Unida vislumbrava que, se seu time obtivesse bons resultados no campeonato, sua chance de conseguir uma vaga nas eleições municipais de San Miguel aumentaria. O time seria uma ótima vitrine para suas pretensões políticas, mas Dario a estilhaçou, com uma declaração-pedrada. Juan terminou exposto e chamado de "rata imunda".

A desonestidade também não foi perdoada quando um patrocinador falhou em honrar com um compromisso. Dario defendia o Lugano e o anunciante prometeu um bicho de 40 pesos por vitória. A promessa surtiu efeito e o time emendou três triunfos consecutivos, mas o dinheiro não apareceu. Indignado, Dario se aproveitou que no jogo seguinte o gramado estava um brejo, pegou lama com as mãos e espalhou sobre a marca do patrocinador, tampando-a.

Evidentemente, um jogador de personalidade tão forte não poderia passar sua vida militando no submundo do futebol argentino sendo simpático aos órgãos que comandam o esporte em território portenho, entre eles, a Associação de Futebol Argentino. A primeira discordância pública entre ambos se deu, é claro, em decorrência das pinturas no rosto. Dario fez questão de estudar os regulamentos das competições nacionais para ter certeza de que não estaria infringindo nenhum artigo. Então, em 1998, na partida entre Midland e Argentino de Merlo, pôs em prática pela primeira vez o plano que o deixaria famoso. Pouco menos de 20 jogos depois, porém, o jogador foi proibido de continuar com o ritual.

Um dos argumentos até fez sentido para Dubois: se mais de um atleta do mesmo time resolvesse fazer a mesma pintura, a arbitragem poderia confundir os jogadores. Entretanto, Dario não gostou nem um pouco quando a entidade alegou também que a pintura "transmitia uma má imagem do que era o futebol da divisional D". "Você se pinta e sai para guerra contra os rivais. Meus companheiros se cagam de rir, mas os adversários se assustam. Sou um palhaço que pinta a cara, mas um palhaço que se mata por essa camisa. Eu saía com um travesti que tinha um monte de maquiagens. Sei que isso incomoda porque o futebol é muito

fascista. Cabelos curtos, bem penteados, e eu sou metaleiro, pareço um mendigo, com correntes e espinhos, e digo a verdade, que saía com um travesti", disse o jogador.

A segunda vez que ele se sentiu desamparado pelo órgão foi em março de 2002. Dario colidiu com um adversário do Liniers e foi ao chão inconsciente. Levado ao hospital, o zagueiro-músico apresentou uma fratura na cabeça, uma hemorragia na orelha direita e episódios de convulsões. Uma semana depois, quando recebeu alta, o jogador declarou que não recebeu qualquer contato ou ajuda da AFA e estendeu sua decepção também ao sindicato dos atletas: "São todos um bando de ratos. Felizmente estou OK, mas quase morri no campo e eles não fizeram nada para ajudar. Agradeço essas grandes instituições por não estarem por perto quando precisei delas".

Toda a rebeldia se mostrou fatal anos depois. Em 2005, aos 34 anos, quando rompeu os ligamentos cruzados do joelho, Dario recebeu três negativas na tentativa de uma cirurgia que o possibilitasse voltar rapidamente aos gramados. A primeira de seu clube, o Victoriano Arenas, que não tinha de onde tirar dinheiro para tal procedimento. A segunda veio do sindicato de futebolistas (Futbolistas Argentinos Agremiados) e o golpe de misericórdia veio da AFA. Momentaneamente resignado, tudo o que Dubois pôde fazer foi imaginar que um dia ele ganharia o direito de ser operado, quando vencesse o processo judicial que havia aberto. A ideia era a de que ele podia dar a volta por cima e jogar até os 40 anos.

Em março de 2008, Dario andava de bicicleta pelas ruas de Villegas com sua namorada quando foi abordado por dois assaltantes. Após ser subtraído de sua bicicleta, mochila e telefone, foi alvejado duas vezes. Ficou internado por uma semana no Hospital Paroissien, passou por oito cirurgias, mas sucumbiu aos ferimentos. As primeiras investigações apontavam para um suposto crime passional. Aos mais chegados em uma teoria da conspiração, há quem diga até que o ex-jogador fora alvo de um crime encomendado. Mas, por fim, a versão oficial da polícia é de que o ele foi vítima de um assalto que descambou para latrocínio. Aos 37 anos, deu adeus o jogador mais autêntico que as divisões de acesso da Argentina já tiveram. ■

# OS DOIS LADOS DA ESTRELA NEGRA

*Abedi Pelé: Do craque campeão ao homem envolvido em escândalos como jogador e dirigente*

**ÁFRICA | POR CAIO BITENCOURT**

O ano é 1977. Após terminar sua carreira vitoriosa no futebol, Edson Arantes do Nascimento, conhecido mundialmente como Pelé, visitou a África e chegou a fazer a previsão de que uma equipe do continente iria vencer a Copa do Mundo até o final do século.

Um dos locais visitados pelo brasileiro foi Gana. Tratava-se de um retorno, já que em 1969 ele havia estado lá, jogando pelo Santos. Em Accra, o encontro registrou um empate por 2 a 2. O adversário foi o Hearts of Oak, uma das grandes forças do futebol africano. A partir dali, a relação dos ganeses com o futebol se fortaleceu, entregando idolatria àquele time. O acontecimento também mudou a vida de um garoto nascido em Domé, na região metropolitana da capital, no dia 5 de novembro de 1964.

Não por coincidência, quando Abedi Ayew começou a disputar torneios escolares de futebol, pelo time jovem dos Great Falcons, sendo percebido como um jogador de dribles, velocidade, toques rápidos e gols, exatamente com o estilo brasileiro — sem falar no porte físico —, logo foi batizado de "Abedi Pelé". Com 15 anos, foi observado pelo Real Tamale United, que, em 1978, lhe daria o seu primeiro contrato profissional. Inicialmente, atuou na equipe de juniores. A estreia dentre os adultos não tardaria, vindo a se concretizar em 1980.

Pelé, o apelido de adolescência, virou um sobrenome de Abedi Ayew. Em 1981, dirigentes fizeram com que o acréscimo constasse em documentos oficiais, sendo ratificado pelo presidente de Gana, Hilla Limann, por decreto. Era a época de suas primeiras convocações nacionais.

De cara, viveria um de seus maiores momentos. Em 1982, foi convocado para sua primeira edição de Copa Africana de Nações, com apenas 17 anos, na busca do tetracampeonato, após a conquista de 1978. Mas o frio da Líbia prometia dificultar a missão ganesa.

**Estreia internacional e título**

O garoto prometia muito no torneio, mas só estreou na terceira rodada da fase de grupos, contra a Tunísia, em vitória por 1 a 0. No momento de maior drama, contra a favorita Argélia, Abedi viu do

banco a virada nas semifinais por 3 a 2, na prorrogação, com gol de George Alhassan. Na final, houve um reencontro com a Líbia, dona da casa e inimiga íntima naquele momento.

Aquela final já era dotada de tensão pela prévia da competição, em que os ganeses, inicialmente sob a presidência de Hilla Limann, ameaçaram boicotar a Copa realizada na Líbia, como uma espécie de retaliação à política de Muammar Kadafi. Entretanto, no fim 1981, Limann foi deposto, assumindo uma junta militar liderada pelo tenente Jerry Rawlings, que comandaria o país até 1993. Sob a direção de Rawlings, Gana acabou voltando atrás.

A Líbia também tinha decidido a semifinal com gol tardio diante de Zâmbia — isso sem falar no fato de contar com aquele que seria o melhor jogador do torneio, Fawzi Al-Issawi. Mas com a bola rolando, Gana acabou sendo melhor no primeiro tempo, criando suas chances e aos 35 minutos saindo na frente com um gol de Alhassan, aproveitando rebote do goleiro líbio. A vantagem durou até os 25 minutos da segunda etapa, quando, após confusão na defesa ganesa, Ali Al-Beshari, defensor que fazia as vezes de atacante, empatou o jogo.

Abedi entrou imediatamente após o gol de empate líbio, em uma tentativa do técnico Charles Gyamfi de deixar o time mais ofensivo. Não foi o suficiente para evitar uma difícil prorrogação, e, adiante, uma longa disputa por pênaltis. Interminável, mas que acabaria com final feliz para os ganeses. No final das contas, Pelé não precisou cobrar pênalti, mas a decisão avançou às cobranças alternadas. Na sétima batida, Afriyie converteu a sua pra Gana, e Abdallah Zeiyu acabou perdendo, pondo fim ao sonho líbio e iniciando a festa ganesa.

A conquista foi tratada de maneira heroica, com centenas de pessoas a receber os campeões no Aeroporto Internacional de Kotoko. A vitória era, além de tudo, política, em tempos de relações diplomáticas complicadas entre os dois países. Nada mal para quem antes planejava boicotar a competição.

Depois do título da Copa, Abedi Pelé rodou por diversos países até se firmar no futebol francês, já no fim da década. Passou pelo

*Twitter/Fifa*

Al Sadd do Catar, pelo Zurich da Suíça, retornou à África para o Dragons de L'Ouemé de Benin, até desembarcar no modesto Niort, em 1986. Peregrinando pela segunda divisão francesa, teve destaque no Mulhouse antes de entrar no radar dos grandes clubes locais, que brigavam pela sua contratação.

**Do inferno ao céu em Marselha**

Para garantir a transferência do jogador, o polêmico Bernard Tapie, presidente do Marseille, aprontou uma das suas. Ao ver que o Monaco estava próximo de fechar contrato, Tapie espalhou um maldoso boato de que o jogador teria o vírus HIV, o que, nos anos 80, era visto como uma sentença de morte. Que dirá Magic Johnson, astro do Los Angeles Lakers na NBA, que foi dado como inválido e com os dias contados depois de anunciar que era portador da doença.

Dessa maneira turbulenta, Abedi chegou a uma das potências do futebol francês. O clube da cidade do sul francês vinha em alta, investindo pesado em reforços para buscar o título continental, façanha jamais antes alcançada por outros representantes do país. Mas o sonho acabou corrompido. "Eu comecei a jogar com eles e três semanas depois, liguei para o meu empresário e disse para

o meu técnico que gostaria de trocar de clube, pois não fui aceito pelos jogadores [...] Toda vez que eles me veem passando, cospem no chão… e dizem coisas como 'volte para onde você vem, volte para o mato'", chegou a relatar o ganês.

Houve relatos de que ele não se entendeu com Jean-Pierre Papin, a estrela do time em 1987–88. A campanha dos marselheses na temporada, com o sexto lugar e longe das copas europeias não ajudou. Abedi atuou pouco durante a temporada e acabou emprestado ao Lille em 1988-89. Vítima de preconceito, queria dar a volta por cima com os Dogues. Em agosto de 1991, disse à revista inglesa *World Soccer*: "Eu poderia até jogar no gol se quisesse".

Naquele primeiro ano, foram 24 jogos e sete gols. No seguinte, 1989–90, somou 37 partidas e nove tentos. Ademais, no período, mais especificamente em 1989, ficou em quarto lugar na eleição para o melhor jogador africano, em votação promovida pela francesa *France Football*.

A excelência no período do Lille era tão grande que o liberiano George Weah, vencedor daquele ano, chegou a dizer que Pelé era o melhor camisa 10 do futebol francês depois do inglês Glenn Hoddle, do campeão Monaco — o que era um atestado de sua qualidade. O Marseille não hesitou em chamá-lo de volta.

Com o retorno ao Marseille, foi um dos craques do tricampeonato francês dos marselheses, conquistado quase de ponta a ponta. Com jogadores como Papin, Manuel Amoros, Basile Boli, Mozer e Chris Waddle, o Marseille também começou a crescer na Copa dos Campeões. Após eliminar Dinamo Tirana e Lech Poznan, a parada era dura contra o super Milan de Fabio Capello.

O primeiro duelo seria difícil diante de San Siro, a casa dos então bicampeões europeus. Aquela foi uma noite em que Abedi esteve inspirado, criando e driblando o tempo todo, colocando bola na trave e obrigando o goleiro rossonero a fazer grandes defesas. Pelé participou da jogada do gol de Papin, em um empate valiosíssimo de 1 a 1, após sair atrás com gol de Gullit, pronto para ser decidido no Vélodrome. No jogo de volta, Pelé também foi um dos melhores em campo na vitória por 1 a 0. O gol de Waddle selou o avanço,

em jogo marcado pela falta de luz nos minutos finais, o que fez os rossoneri abandonarem o campo para depois tentar uma vitória no tapetão. Felizmente para os alvicelestes, o tiro saiu pela culatra e os milanistas foram banidos das copas europeias na temporada seguinte.

Abedi viveu seu melhor momento técnico naquela reta final de temporada. Fazendo parte do "trio mágico" ao lado de Waddle e Papin, foi decisivo nas semifinais contra o Spartak Moscou e seguiu bem até o teste final, em Bari, no dia 29 de maio. Na decisão contra o Estrela Vermelha, tentou jogar do seu jeito, servindo Papin a todo momento e ganhando faltas no campo de ataque para Waddle. Porém, foi insuficiente. O 0 a 0 foi inevitável, contra um clube que, segundo o ganês, "se recusou a jogar", como disse à francesa *Onze*, em meados de 1991. Os pênaltis foram um capítulo à parte. Ele converteu a sua cobrança, mas isso não bastou para vencer os iugoslavos. O desempenho individual, apesar do vice-campeonato, foi reconhecido. Ali ele foi indicado entre os 10 primeiros colocados do primeiro prêmio de melhor do ano da FIFA, em 1991.

Pouco depois, Gana retornou com apetite na Copa Africana de Nações em 1992. Reabilitada com a consolidação de Pelé, que chegava ao seu 12º ano como profissional, as Estrelas Negras fizeram a final contra a Costa do Marfim. Porém, o camisa 10 e capitão estava suspenso e não enfrentou os Elefantes. Por anos, Abedi manifestou sua amargura por não poder estar em campo. Os marfinenses levaram a melhor após penalidades, um dissabor enorme para quem havia surpreendido dez anos antes, na Líbia.

**Em busca do inédito, custe o que custar**

A temporada 1992-93 trouxe a reconstrução de alguns sonhos para o Marseille e para o próprio craque ganês. Os sinais estavam em todos os lugares: Papin, praticamente dono do time nos vestiários, fora vendido ao Milan. Na Europa, a adoção dos grupos após os primeiros mata-matas foram um bálsamo para quem havia sido eliminado de maneira tão sofrida na edição anterior. Isso porque permitia maior margem de erro aos marselheses, na busca pelo tão sonhado título. O retorno de Raymond Goethals ao comando, na primeira metade da campanha, se provou crucial como resposta à contratação de Luis Fernandez. O elenco respondeu positivamente

e superou Rangers, CSKA e Club Brugge para alcançar mais uma vez à decisão continental. Era o ápice de um esquadrão montado exatamente para este objetivo: dominar a Europa. Para este fim, chegaram Fabien Barthez, Rudi Voller, Marcel Desailly e Alen Boksic, não era mais possível errar. E o Marseille estava disposto a fazer tudo para ser campeão em todas as frentes. Até a passar por cima da ética.

Nesse intervalo, surgiu mais uma grande decepção para Abedi Pelé. O craque viveu a eliminação precoce de Gana, nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, com uma derrota aos 40 do segundo tempo para a Argélia, fora de casa, por 2 a 1. Bastava um empate para a classificação dos ganeses, o que aumentou a dureza da eliminação, impedindo Abedi de desfilar no maior palco do futebol mundial. Para curar a tristeza, só mesmo um título gigantesco. Se no Francês, sem Pelé, o Marseille definhava, com ele de volta a coisa mudou de figura. Após a 30ª rodada, com vitória fora de casa contra o Saint-Etienne, os alvicelestes assumiram a ponta para não mais largar. Na Copa da França, uma queda que não causou dor. A derrota por 2 a 1 para o Saint-Etienne eliminou os marselheses da competição, mas acendeu o Marseille na reta final da temporada. A resposta veio contra o Valenciennes, com gol de Boksic. O título francês estava assegurado.

Na final europeia, dias depois, em Munique, o Milan não foi páreo para sua técnica. Dessa vez, Abedi Pelé conseguiu praticar o seu jogo com louvor. Foi dele a assistência para o gol da vitória, anotado por Boli após cobrança de escanteio. O Marseille era o primeiro francês a conquistar a Europa e Pelé se consagrava como um dos protagonistas. A credencial maior daquela atuação, além do troféu conquistado, viria sendo eleito o melhor jogador da final. Abedi se juntou a um grupo seleto de africanos campeões europeus, como Eusébio (Benfica, nascido em Moçambique) e Rabah Madjer (Porto), que até ali eram reconhecidos como os melhores do continente a terem triunfado por lá.

**Toda escolha tem um preço**

Festança à parte, duas semanas depois da conquista, apareceram as primeiras denúncias por parte de dirigentes do Valenciennes e procuradores públicos. Eles diziam que a partida do título do

Marseille tinha sido arranjada, o que era negado por Bernard Tapie e diretores marselheses. Logo seria descoberto que o clube do sul francês tentou comprar três jogadores do Valenciennes para facilitar a derrota e manter o time descansado para a final contra o Milan no meio da semana.

Mais tarde, vieram também denúncias do técnico do CSKA Moscou, relatando que a vitória por 6 a 0 tinha indícios de suborno. Ele até voltou atrás, mas, mesmo assim, a UEFA investigou. O Marseille foi absolvido daquela questão por falta de provas, e o título europeu continuou em poder dos marselheses. Mas a participação no Interclubes em Tóquio foi cassada. O Milan foi ao Japão enfrentar o São Paulo. Em meio às investigações, Bernard Tapie foi preso. Na velocidade da luz, o clube perdeu dinheiro, patrocínios e suas estrelas. Assim se foram Desailly, Didier Deschamps, Boli, e tantos outros. E no final das contas, Abedi Pelé também teve que deixar o clube de vez.

Após o insucesso no Lyon, Abedi resolveu se arriscar em outro campeonato: a Serie A, com sua transferência para o Torino. Foram dois anos distintos com alegrias e uma pitada de desastre. O Toro caiu para a segunda divisão e Pelé experimentou o dissabor inédito de fazer parte de um navio em pleno naufrágio. A compensação quase veio com outra boa participação pela seleção na Copa das Nações Africanas, mas a África do Sul levou a melhor nas semifinais e acabou com o sonho. Mais tarde, sem tanto mercado e já bem experiente, Abedi assinou com o 1860 Munique, rival do Bayern, que no passado havia lhe fechado portas. O período, contudo, não reservou muita felicidade ao ganês, que mofou no banco e encerrou a sua longa trajetória esportiva no Al Ain dos Emirados Árabes. Campeão nacional em sua última temporada, em 1999-00, pendurou as chuteiras em nota alta. Digno de seus feitos por Gana e pelo Marseille.

**Chuteiras penduradas, polêmica presente**

Depois do fim de carreira, Pelé passou a ser embaixador do futebol pelo continente como representante da federação ganesa, cargo a que mais tarde renunciou. Também esteve envolvido na bem-sucedida candidatura da África do Sul para a Copa do Mundo de 2010. Ironicamente, sua vida fora de campo como dirigente

*Twitter/Yen News*

acabou tendo fim semelhante ao de seu ex-patrão no Marseille. A suspeita foi despertada quando o seu time, o Nania FC, venceu um crucial encontro final de promoção com o Okwawu United por 31 a 0. No mesmo dia, os principais rivais do Great Mariners derrotaram o Tudu Mighty Jets por 28 a 0. Os placares seriam normais em um esporte com bola oval, mas não no mundo do futebol. Ambos os clubes foram multados e punidos com a queda para a terceira divisão de Gana. Por conta do envolvimento no escândalo, Abedi atraiu uma animosidade incomum em alguns bairros da capital Accra.

É curioso pensar que a carreira futebolística de Abedi Pelé foi transformada por manipulação de resultados em que ele não esteve envolvido, mas que, anos mais tarde, como dirigente, ele tenha se envolvido em um episódio semelhante, que embora não tivesse as mesmas proporções da França, teve evidente ação criminosa nos bastidores. No fim das contas, o ex-craque foi maravilhosamente imprevisível como jogador e conseguiu entregar algo que poucos esperavam dele. Por outro lado, enquanto dirigente, percorreu um caminho de ética questionável. Atentemos, porém, para seu talento, que era inconfundível com a bola nos pés. No auge, Abedi controlava a bola de uma maneira única, em lenta extinção. Seu jeito de jogar, ainda hoje, é uma alegria de se assistir. Isso, naturalmente, escândalo nenhum fora das quatro linhas apagará. ■

trivela

A Trivela fala do futebol muito além das quatro linhas. Uma comunidade de apaixonados que sabe que o esporte é muito mais do que um jogo: é cultura, identidade, história e política. Dos gramados e arquibancadas à TV e escritórios da Fifa, o futebol é reflexo da sociedade e cotidiano. A Trivela trata de futebol assim: como manifestação cultural.

*trivela.com.br*

# KARLSRUHER '94: UM SONHO EM ANO DE CENTENÁRIO

*Com Oliver Kahn em fase esplendorosa, modesta equipe alemã foi semifinalista da Copa Uefa no ano de seu centenário*

**ALEMANHA | POR FELIPE PORTES**

A história não é tão Lado B quanto parece. Juro. Era uma vez, num lugarzinho no meio do nada, um time chamado Karlsruher, que só teve alguma importância em um breve recorte dos anos 1990, impulsionado pelo técnico Winfried Schäfer, o zagueiro croata Slaven Bilic, o veterano goleador Edgar Schmitt e por um jovem goleiro chamado Oliver Kahn. Desde 2009, a equipe não disputa a primeira divisão da Bundesliga. Não se convenceu ainda?

O Karlsruher tem dois apelidos comumente usados por sua torcida. Os Azuis e *Eurofighter*. Para quem vive sempre longe dos holofotes e do grupo dos grandes nacionais, não é preciso uma grande glória para exaltar, basta uma campanha digna. Foi assim que a alcunha continental surgiu, mais precisamente em 1994, quando a equipe de Baden-Württemberg alcançou as semifinais da antiga Copa da Uefa no ano de seu centenário.

Cabe lembrar que a Copa da Uefa era a menina dos olhos dos clubes médios e pequenos da Europa, pois permitia arrancadas de azarões com certa frequência, seja pela seriedade com a qual era encarada por eles ou pelo desprezo dos considerados grandes. Assim sendo, basta ver o histórico dos campeões para se deparar com vários nomes alternativos como Ipswich Town, IFK Gotemburgo, Bayer Leverkusen, Parma, Galatasaray, CSKA, Zenit e Shakhtar.

**Matador de gigantes**

Ainda que não tenha chegado à decisão daquele ano, o Karlsruher merece destaque por ter eliminado PSV e Valencia nas duas primeiras fases. O castigo aos espanhóis foi emblemático: depois de uma derrota por 3 a 1 na ida, os alemães enfiaram 7 a 0 na volta. O jogo é considerado, até hoje, como o maior da história da agremiação e um dos mais destacáveis do torneio, em todos os tempos.

Antes de 2 de novembro de 1993, ninguém dava muita atenção ao duelo, já que o Valencia era cotado para sair de campo com um empate, no mínimo. O passeio, contudo, começou aos 29. Schmitt abriu a porteira e os *Che* não viram a cor da bola até o minuto 90. Dos pés do matador saíram outros três gols. O segundo, aos 34, deu

a esperança de uma grande reviravolta. A retaguarda valenciana estava em um dia lamentável. Tudo que ia no gol entrava.

Depois do quinto gol, de Rainer Schütterle, o encontro se transformou em uma bagunça generalizada e a questão passou a ser de quanto os espanhóis iriam apanhar. Valery Shmarov ampliou para 6 a 0 e Bilic fechou a conta, no último minuto, com um gol de cabeça por entre as pernas do goleiro José Manuel Sempere.

Se a caminhada parasse ali, já seria suficientemente fantástico, mas o time avançou bem mais. Predestinados a derrubar equipes tradicionais, os azuis eliminaram o Bordeaux de Zinedine Zidane na fase seguinte, aplicando um sonoro 3 a 0 na Alemanha. Schmitt fez dois e Sergei Kiriakov matou o confronto. A confiança só aumentava. Apesar de ter um plantel sem grandes estrelas, os alemães souberam capitalizar em cima da goleada contra o Valencia para juntar forças e avançar. Segurar a barra em casa foi uma das marcas da campanha dos azuis, aliás. Os únicos gols sofridos dentro do alçapão em Karlsruhe, o Wildparkstadion, foram na primeira fase e na semifinal, contra PSV e Casino Salzburg.

Já naquele ano, se falava muito na Alemanha que Kahn fazia hora extra como paredão da equipe e que deveria ir para um dos gigantes locais. O que de fato se concretizou no segundo semestre de 1994, quando Oliver seguiu para o Bayern de Munique, equipe pela qual se aposentaria 14 anos depois — como capitão e ídolo de sua geração. Além disso, aos 25 anos, em virtude do brilho pelo Karlsruher, cavou uma vaga na convocação de Berti Vogts para a Copa de 1994, mas não jogou, sendo reserva de Bodo Illgner. Kahn demonstrava enorme aptidão para liderar os vestiários. O arqueiro foi fundamental para transmitir os ideais de Schäfer ao resto do elenco, acostumado a lutar por outros objetivos bem mais modestos. Parecia que a hora de ter ambições maiores havia chegado e o Karlsruher não perderia o trem. Que tal ganhar um título como presente à torcida pelos 100 anos? Um bom plano, não?

**A hora da transformação**

O desafio mais fácil do torneio, em tese, foi contra os portugueses do Boavista. Em pé de igualdade, o Karlsruher já não possuía mais a narrativa de jogar no erro de um rival mais forte. Tanto que o placar

agregado foi de 2 a 1 a favor deles, graças a um gol marcado no Porto por Michael Wittwer, na ida. A volta foi definida por Wolfgang Rolff e só. Vitória magra por 1 a 0 e a perspectiva de estar entre os quatro melhores da competição.

Aquela Copa da Uefa estava tão estranha que o Cagliari eliminou a Juventus nas quartas e depois peitou a Internazionale por uma vaga na decisão. De um lado da chave, dois italianos se digladiando. Do outro, a surpresa dupla do Karlsruher e do Casino Salzburg, que posteriormente foi reformulado, tornando-se o Red Bull Salzburg que conhecemos hoje. Não sobravam tantos favoritos assim, afinal. Coube à Inter ser colocada à prova, com toda a responsabilidade em um possível confronto com as zebras. Isto é, se o Cagliari não complicasse a vida dos nerazzurri. O Karlsruher, então, foi até a Áustria e segurou um empate valente fora de casa, por 0 a 0, em Viena. Se tudo corresse como nas fases anteriores, o natural seria vencer sem levar gols e aguardar o confronto com os italianos. Exceto que no futebol as coisas quase nunca saem como planejado.

Aos 12 minutos de jogo na Alemanha, uma bola cruzada na frente da zaga chegou em Hermann Stadler, que vinha sem acompanhamento pela esquerda. A defesa hesitou e Kahn esperou demais para sair. Quando o fez, a bola já estava passando por cima do seu quadril e caindo saborosamente no fundo da rede. Reiner Krieg empatou no segundo tempo, mas faltou um gol para consolidar a virada e a classificação. Graças ao vacilo da primeira etapa, e claro, ao oportunismo de Stadler, os austríacos foram para a finalíssima contra a Internazionale de Wim Jonk e Dennis Bergkamp.

Eliminação à parte, o Karlsruher se inspirou pela ótima campanha e alcançou o quinto posto na Bundesliga, sua melhor campanha na era profissional. Nos tempos de amadorismo, conseguiu dois títulos da Copa da Alemanha, em 1955 e 56. Sonhar com a Copa da Uefa no centenário, portanto, foi o ponto mais alto que os Eurofighters alcançaram na cadeia alimentar do futebol.

Cada vez mais, as vitórias estão restritas a um número cada vez menor de clubes. Na terra dominada pela hegemonia bávara, uma semifinal do torneio secundário da Europa vale bem mais do que um troféu. Certamente, ouviram-se parabéns naquele ano. ■

# MIA HAMM: ROMPENDO BARREIRAS

*Estrela americana se firmou em anos de irrelevância do futebol feminino. Mas sua força transcendeu a modalidade e fez dos Estados Unidos uma referência*

**ESTADOS UNIDOS | POR FELIPE PORTES**

Na prateleira da locadora, em 2001, um jogo com embalagem diferente está perto dos demais na seção de esportes. Quem chega lá buscando uma fita nova para o Nintendo 64 provavelmente se surpreende ao ver um jogo chamado Mia Hamm Soccer. Como assim fizeram um game de futebol feminino? E quem é Mia Hamm? Perguntas que, para uma criança ou um adolescente sem acesso à internet, demorarão anos para serem respondidas. Que bom que daqui a três anos, em 2004, teremos Olimpíadas. Novamente, será possível ver alguns rostos famosos no futebol feminino. Como o de Mia.

Muito antes do boom vivido com as transmissões da Copa do Mundo de 2019, na França, era realmente impensável tratar o futebol feminino como um novo mercado. Mas é assim que se fomentam esportes, afinal: usando estrelas, como Hamm, para atrair as demais. Embora Mia não seja uma pioneira e tampouco a primeira grande jogadora dos Estados Unidos (1991 ligou e mandou recado: era Michelle Akers), foi ela o primeiro grande fenômeno do seu esporte, por diferentes motivos.

Seja porque em 1991, ano do primeiro título mundial americano, o futebol feminino era apenas uma invenção da Fifa e mal era citado nos noticiários, ou pela mescla das habilidades e da estética de Mia. Não custa refletir dois minutos sobre o motivo pelo qual craques como Pretinha e Sissi não viraram heroínas nacionais no chamado "País do Futebol", mas Milene Domingues, ex-esposa de Ronaldo e atleta pouco brilhante, era a principal referência. Da mesma forma para os EUA, Akers foi ofuscada por sua sucessora natural, que era "ideal para o vídeo", digamos.

Esperava-se que o futebol feminino fosse um pacote vendido para o resto do mundo com a premissa de que mulheres jogam tão bem quanto os homens, e que precisam de muito mais incentivo para continuarem praticando. Contudo, naquele momento histórico, seria impossível dissociar o jogo de bola como paixão mundial da necessidade de apelo à beleza e feminilidade. Ao longo da vida, aprendemos a valorizar muito mais o visual do que a competência. Não à toa, vale repetir, as jogadoras com mais pinta de modelo não concorrem em igualdade com as demais em busca da fama ou do reconhecimento.

Assim sendo, Mia Hamm surgiu em um tempo no qual o futebol feminino era só mato. E fez nascer toda uma civilização, atraindo interesse de outros países. Para explicar o sucesso dos EUA não basta reduzir a análise aos títulos e às atletas que fizeram isso possível, é também necessário chegar à compreensão de que o país investiu em formação muito antes dos demais. Alemanha, Suécia, Noruega e França, que já tinham grande núcleo de mulheres futebolistas, por exemplo, não estão muito atrás das americanas por conta disso. Só se aprende com anos de prática, de campos ruins, de teimosia e, claro, um trabalho sério.

Hamm despontou com apenas 15 anos, em 1987, quando a seleção feminina dos EUA tinha só dois anos de história. Inventada a luz, as garotas americanas foram destaque da primeira Copa, jogada em 1991, na China. Hamm, aos 19, ainda era a mais jovem do elenco e contracenou com a primeira geração campeã mundial. A seleção das estrelas e listras demoliu a concorrência, com direito a goleadas contra Brasil (5 a 0), Taipé Chinês (7 a 0) e contra a Alemanha (5 a 2), nas semifinais. Mia marcou diante da Suécia e do Brasil na primeira fase, e foi titular até a final. Curiosamente, atuou como defensora, à frente da líbero Carla Werden. Sim, uma das atacantes mais temidas do futebol feminino estreou em Copas atuando como zagueira e aprontando das suas. Difícil imaginar alguém se destacar tanto em posições distintas, mas Hamm provou que tinha versatilidade de sobra. Foi fundamental para a campanha avassaladora dos EUA até o título. Não tanto quanto Akers, que fez dez gols em seis jogos e se isolou na artilharia, mas ainda assim com papel importante.

A trajetória de Mia poderia ter outros contornos mais complexos por clubes, mas a sua carreira fora da seleção se restringe aos tempos de universidade, pela North Carolina Tar Heels, de 1989 a 93 e pelo Washington Freedom, na primeira liga profissional do país, entre 2001 e 2003. Por oito anos, no seu auge físico e técnico, Mia só atuou pela seleção. E é aí que chegamos a uma ideia mais aprofundada do que explica toda a sua fama, além do fato de ser uma jogadora excepcional ofensivamente.

Os Estados Unidos inauguraram a MLS, a liga dos homens, dois anos após a Copa do Mundo de 1994. As mulheres, contudo,

precisaram esperar outros cinco anos para dar esse passo, apesar dos dois títulos mundiais em 1991 e 99 e das medalhas de ouro olímpicas em 1996 e 2004. Hamm foi a condutora de um processo de estruturação do futebol local, por meio da WUSA (Women's United Soccer Association), fundada em 2000 e disputada a partir de 2001. Não bastava só representar, era preciso agir.

Fora dos campos, os americanos veneravam Hamm, porque seu rosto era sinônimo de grandes propagandas e do impulso que o futebol feminino ganhava com a sua presença. Além disso, Mia protagonizou campanhas publicitárias de diversas marcas. Alguém falou em representatividade? A craque também foi a madrinha da primeira Barbie com tema futebolístico, em 1998.

Era muito mais fácil para as meninas sonharem com a glória no soccer do que para os meninos, que certamente preferiam o basquete ou a bola oval. Até porque seria um pouco difícil esperar um papel honroso da seleção dos EUA em um Mundial, vide 1994 em que a derrota nas oitavas de final da Copa, para o Brasil, foi considerada um triunfo histórico.

Com Mia Hamm, os Estados Unidos eram a potência maior, o adversário a ser temido por todas as outras seleções. Em suas quatro Copas, a pior colocação foi o terceiro lugar, em 1995. Ela parou em 2004, após o título olímpico em Atenas, um raro caso de bicampeonato mundial e olímpico em menos de duas décadas.

A vida esportiva pode até ter acabado, mas ela não se distanciou do esporte que lhe deu projeção. Eleita como uma das 125 maiores figuras vivas do futebol, em 2004 pela Fifa, também foi parar no logo oficial (como silhueta) da segunda liga profissional feminina nos EUA, a WPSL. A Fifa também colocou Hamm como a terceira maior futebolista feminina do século XX, atrás apenas de Akers e da chinesa Sun Wen.

Hoje, Mia é embaixadora global do Barcelona, co-proprietária do Los Angeles FC na MLS e alma da Mia Hamm Foundation, que, entre outros tipos de assistência social, cria oportunidades para que novas meninas vivam o sonho que ela começou a ver realizado em 1986.

Twitter/Fifa

Por último e não menos importante, cabe citar que o tal Mia Hamm Soccer 64 vendeu menos que 50 mil cópias nos Estados Unidos. As mulheres, até hoje, só possuem esse jogo focado nelas. Lançado em 2000, o game fugiu dos modelos da EA Sports e Konami, líderes de mercado, para fazer algo completamente diferente. E não tão bom quanto se esperava. Por outro lado, não ter os times femininos apenas como bônus, faz de Mia Hamm Soccer uma relíquia voltada para os entusiastas da modalidade. E a única, diga-se de passagem.

Em 2015, o Fifa, principal simulador virtual de futebol desde a virada para os anos 2010, passou a dar às mulheres apenas um modo separado com algumas seleções internacionais. Quatro anos depois por conta da Copa do Mundo na França, a EA soltou uma atualização com a possibilidade de jogar com muitas das participantes licenciadas do Mundial, mas contemplando somente a final, ignorando o restante do torneio. O Brasil e a Itália, por exemplo, não tinham os nomes oficiais de suas jogadoras.

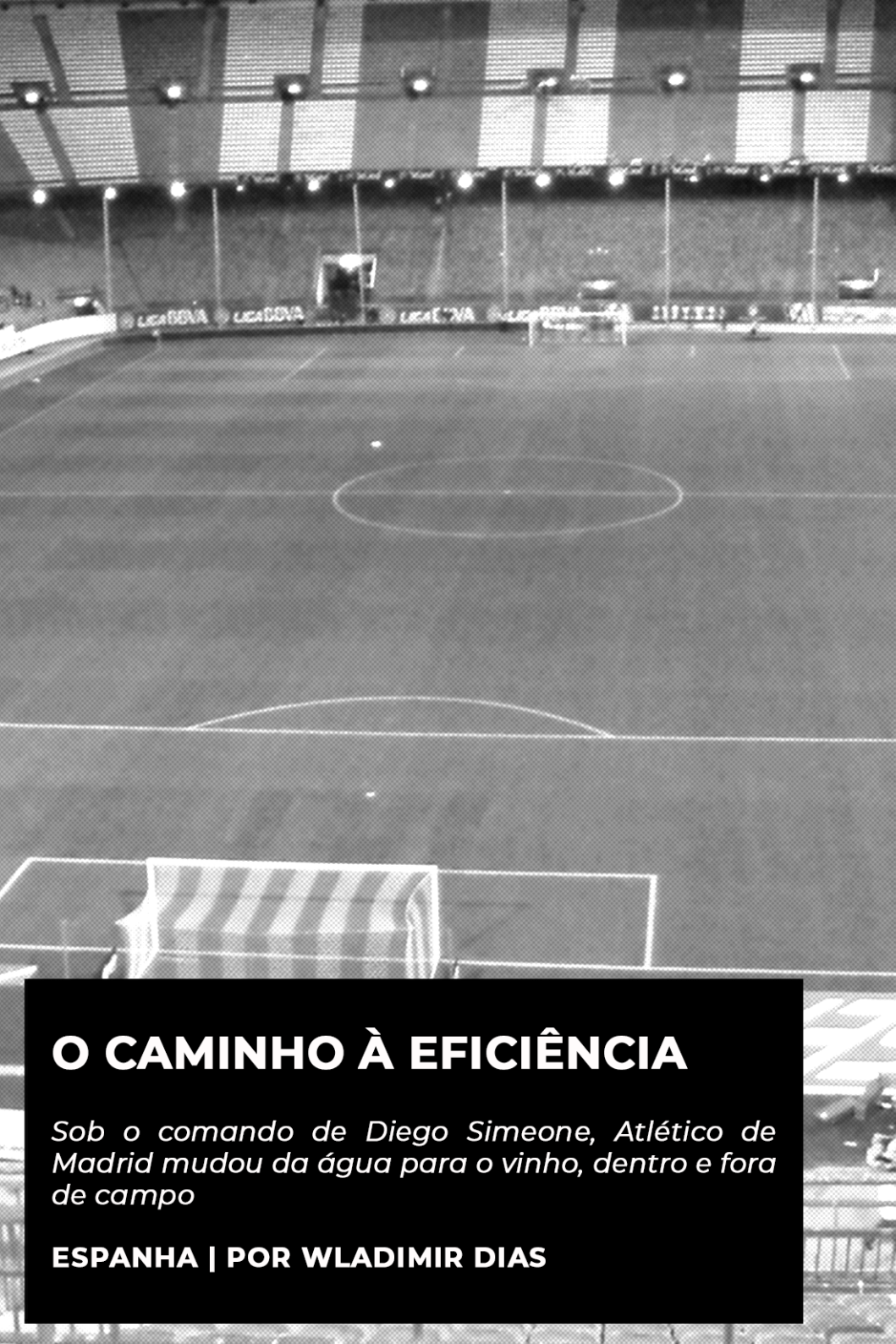
Em muitos quesitos, a Era de Marta, Ada Hegerberg, Megan Rapinoe e Alex Morgan já está entre nós. Nos outros, como representatividade e atenção real às mulheres do futebol, ainda não saímos dos anos de Mia Hamm. E dificilmente sairemos. ■

A *Relvado* agora pode pintar no seu Kindle!

Todas as edições disponíveis em
**bit.ly/relvadokindle**

amazon

relvado



# O CAMINHO À EFICIÊNCIA

*Sob o comando de Diego Simeone, Atlético de Madrid mudou da água para o vinho, dentro e fora de campo*

**ESPANHA | POR WLADIMIR DIAS**

Era um dia gelado do inverno europeu de 2012. A recepção da capital espanhola foi impactante, sobretudo para aquele que, aos 19 anos, pisava só, em terras estrangeiras pela primeira vez. Além disso, a noite no trem de Lisboa a Madri havia sido um tanto quanto desconfortável e entediante — e teria sido mais ainda, não fosse um pedido de ajuda de um professor madeirense, em apuros com seu computador.

Às 9h da manhã fazia -1ºC (com sensação térmica de -6ºC). Porém, isso era pouco importante, já que, dois dias mais tarde, havia um compromisso importante a comparecer. Pela 22ª rodada de La Liga, o Atlético de Madrid receberia o Valencia, no saudoso Vicente Calderón, e o jovem adulto tinha um ingresso.

No domingo, os Colchoneros, então na sexta posição do campeonato nacional, enfrentariam o time que estava em terceiro, o Valencia. Era praticamente certo que se veria bom futebol. Naquela noite estariam frente a frente Falcao García, Arda Turan, Diego Ribas, Thibaut Courtois e Diego Alves, Jordi Alba, Roberto Soldado, Jonas… Mas não era só isso que alimentava a expectativa.

O *Atleti* vinha de anos conturbados. Os altos gastos não eram correspondidos com bons resultados. Nas cinco temporadas anteriores, entre 2007-12, só com transferências, o time apresentava um balanço negativo de 60,8 milhões de euros, tendo, no período, vencido apenas uma Liga Europa, em 2009-10. Além disso, em La Liga, o máximo que havia sido alcançado foram dois quartos lugares. O time investia o suficiente para disputar títulos, mas eles passavam longe. Entradas e saídas se acumulavam. Era um plantel ineficiente.

Aliás, naquele momento histórico, o time contratara, um mês antes, o sexto técnico do período. E ele era justamente o responsável pela empolgação que se vivia então. Depois de Javier Aguirre, Abel Resino, do interino Santi Denia, de Quique Flores e Gregório Manzano, os *Rojiblancos* trouxeram um velho conhecido para comandar seu leme — um rosto associado aos dias das últimas glórias: Diego Simeone. E aquela 22ª rodada era a sua quinta no comando atleticano, tendo somado um empate e três vitórias, tirando a equipe de uma incômoda décima posição.

O periódico *Marca* daquela data sentenciava: "Uma oportunidade de Champions". No entanto, a noite do dia 5 de fevereiro não foi um grande dia para os espectadores. O zero não deixou o placar. A verdade, nua e crua, é que o jogo foi dos piores, como constataria a mesma publicação, no dia seguinte: "O Atleti não cumpre com sua ameaça". Ainda assim, Simeone falou sobre uma das mudanças que começara a implantar e a respeito do futuro próximo:

"Jogamos contra um rival forte e duro, que mudou sua forma de jogar contra nós [...] Juanfran está cada vez mais se acostumando a esse novo lugar [a lateral direita], como todos, quanto mais partidas jogar, melhor [...] Temos que seguir melhorando muito".

**Melhorar para ganhar e ganhar para melhorar**

A evolução do Atlético de Madrid foi imediata após a chegada de *Cholo* Simeone. Foi apenas no décimo encontro sob sua batuta que os *Colchoneros* perderam pela primeira vez. E, mesmo assim, a derrota foi daquelas plenamente aceitáveis. Do outro lado estava o Barcelona, de Pep Guardiola. O jogo, duríssimo, só foi decidido aos 79 minutos, com gol de Lionel Messi, selando o 2 a 1.

Ali, já se tornara evidente que o time havia ganhado outro formato, sem que Simeone tivesse recebido qualquer reforço. Uma base de sucesso estava formada e um jeito de jogar que se tornaria emblemático ganhava força. Quando o Atleti enfrentou o rival catalão, um setor defensivo icônico já estava formado e trabalhava para alcançar a excelência: na meta, Courtois; na primeira linha de quatro uma nova alternativa nascida da necessidade, Juanfran na lateral direita, e mais três sinônimos de estabilidade, Diego Godín, Miranda e Filipe Luís; à frente, na contenção, Gabi e Tiago.

Quem também já se moldava um soldado era Koke Resurrección. Alçado aos profissionais em 2009, mas atuando pouquíssimo até o princípio de 2011, o garoto da base viu seu papel ser ressignificado a partir do desembarque do comandante argentino. Pelo lado ou centralizado, foi logo compreendido com um diamante a ser lapidado com cuidado.

Não obstante, o ganho mais representativo para o Atlético de Madrid, naquele ano, foi o retorno às taças. A missão de tirar a equipe

da incômoda zona central do Campeonato Espanhol foi cumprida à risca, mas foi um tanto difícil destronar Valencia e Málaga — que vivia momento de forte injeção de capital. O Atlético conseguiu apenas se classificar para a Liga Europa, justamente a competição que devolveu o sorriso ao torcedor rojiblanco posteriormente.

Simeone assumiu um time que havia sido muito competente nas fases iniciais da disputa continental, pisando no Vitória de Guimarães (6 a 0 no agregado) na preliminar, e vencendo quatro de seis partidas do Grupo I, contra Celtic, Rennes e Udinese. Nas eliminatórias, os colchoneros brilharam. Primeiro, bateram a Lazio, de Hernanes e Miroslav Klose (4 a 1 na soma dos dois jogos); depois, massacraram o Besiktas (6 a 1); e impediram que o Hannover 96 confirmasse a zebra (4 a 2). Na hora H, vingaram-se do Valencia (5 a 2) e superaram o encanto do Athletic Bilbao, treinado por Marcelo Bielsa, e que havia calado, com autoridade, o Manchester United, em Old Trafford: 3 a 0.

**Um reencontro em novas circunstâncias**

O dia 11 de janeiro de 2015 não revelou, nem de perto nem de longe, o frio daquele fevereiro de 2012, em Madrid. Fazia, mais ou menos 15ºC, quando a partida começou, às 21h. Verdade seja dita, o reencontro não aconteceu sob as mesmas condições, já que se deu

a mais de 600km de distância. Dessa vez, o palco foi o Camp Nou, diante de um contexto completamente diferente — em que pese o fato de seis jogadores terem atuado em 2012 e 2015: Juanfran, Godín, Tiago, Gabi, Turan e Koke.

Àquela altura, o panorama era completamente diferente daquele de pouco menos de três anos antes. O Barcelona passava por uma crise, com muita contestação ao treinador Luis Enrique. A capa do *Mundo Deportivo* daquele domingo dava a nota do momento catalão: "Guardiola, em Doha: 'Não sou a solução para o Barça'". Já o Atlético… Bem, os madrilenhos viviam uma das melhores ressacas que um clube pode viver.

Em 2012-13, o Atlético de Madrid alcançara todas as expectativas. Gastando míseros €4,5 milhões, manteve a base — negociando jogadores prescindíveis ou veteranos, como foram os casos de Eduardo Salvio, Álvaro Domínguez, Antonio López ou Luís Perea —, e voltou a se classificar para a Liga dos Campeões, pela primeira vez desde 2009-10. O terceiro lugar no nacional deu o sinal do que estava acontecendo, já que, embora a distância para o vice-campeão, o Real Madrid, tenha sido de nove pontos, foram 10 os que separaram os Colchoneros da quarta posição, ocupada pela Real Sociedad. Além disso, o clube venceu a Copa do Rei, batendo o Real Madrid na final, 2 a 1, e a Supercopa da UEFA, contra o Chelsea (4 a 1).

O sucesso teve, claro, efeitos colaterais. O Atleti não conseguiu segurar o centroavante Falcao García, vendido ao Monaco por €43 milhões. O curioso é notar que o clube até investiu outros €36 milhões, mas as apostas mais caras não deram certo. Já as mais baratas… Enquanto Joshua Guilavogui, Toby Alderweireld e Léo Baptistão não mostraram a que vieram, David Villa e José María Giménez se comprovaram acertos fundamentais. Juntos, os dois custaram aproximadamente €3 milhões.

Com esse grupo, essencialmente igual ao que Simeone encontrou no início de 2012, o Atlético alcançou o topo. Com uma retaguarda que concedeu apenas 26 gols em 38 partidas, os alvirrubros levantaram o troféu de La Liga 2013-14, o que não ocorria desde 1995-96, quando Simeone deixava toda sua raça no

meio-campo da equipe. Além disso, foram finalistas vencidos da Liga dos Campeões, perdendo para o Real Madrid. Outra vez, foram inevitáveis os efeitos colaterais do sucesso. Diego Costa, outro dos nomes potencializados pela "loucura" de Cholo, e Filipe Luís foram vendidos ao Chelsea. A bem da verdade, ambos retornaram um ano/dois anos e meio mais tarde, respectivamente. O útil Adrián López também seguiu seu caminho, partindo para o Porto. No entanto, com a injeção financeira que acompanhou os êxitos, o clube pôde ir ao mercado com força.

De 2013 para 2014, as receitas do Atlético de Madrid subiram da casa dos €120 milhões para os €170 milhões, segundo estudo da empresa Deloitte. No período, os valores recebidos com a venda de direitos de transmissão teve o acréscimo mais representativo, 84%. Por sua vez, o trânsito de 2014 para 2015 registrou outro aumento significativo, com o clube chegando aos €177 milhões de receitas. Dessa vez, o grande aumento veio das receitas comerciais, evidenciando o fortalecimento da marca Atlético de Madrid.

Então, quando Barcelona e Atlético de Madrid subiram ao gramado do Camp Nou para jogar aquele encontro válido pela 18ª rodada de La Liga 2014-15, muita coisa já havia mudado. Antoine Griezmann e Mario Mandzukic comandavam o ataque do Atleti, que não foi páreo para o famigerado trio MSN. Cada um deles, Lionel Messi, Luis Suárez e Neymar anotou um tento, com Mandzukic diminuindo para o time da capital, 3 a 1.

Naquele ano, os Colchoneros terminaram La Liga na terceira posição e caíram, outra vez, para o Real Madrid na Liga dos Campeões, mas agora nas quartas de final. No entanto, o alento veio na Supercopa da Espanha, uma vingança no dérbi de Madri. Outra conclusão a que se chega aqui é a de que provavelmente a torcida do Atlético de Madrid não quer ver nem de longe a presença deste pé frio que vos fala nos seus jogos.

**Seguindo no mesmo caminho**

Em 2019, a situação do Atlético de Madrid mantém a mesma toada. Diego Simeone ainda é o comandante. E os resultados seguem sendo sólidos — dentro e fora de campo. Diante do imparável crescimento das receitas (desconsiderados os valores

com transferências, apenas tomando por base os recursos vindos dos direitos de transmissão, rendas comerciais e de matchday), o nível de investimento aumentou, sem que se tenha tido queda forte nos ingressos com venda de jogadores. Em 2015-2016, por exemplo, os alvirrubros gastaram €143 milhões, mas receberam €162 milhões.

Aliás, em que pese a falta de títulos vivida entre 2015 e 2017, o time voltou a ser vice-campeão da Liga dos Campeões, novamente perdendo para o Real Madrid, em 2015-16, e chegou às semifinais em 2016-17. Nos dois anos, ficou em terceiro em La Liga. Importante notar que, mesmo assim, as receitas da agremiação seguiram crescendo. De 2015 para 2016 subiram de €177 milhões para €229 milhões e, de 2016 para 2017, avançaram aos €272,5 milhões.

Nas negociações seguiu havendo equilíbrio, com a contratação mais cara sendo o atacante Jackson Martínez, €37 milhões (e vendido por €42 milhões). Em 2017-18, os Colchoneros voltaram a conquistar títulos, levantando, outra vez, a taça da Liga Europa e, na temporada seguinte, levando a Supercopa da UEFA, de novo contra o Real Madrid. Tanto em 2017-18 quanto em 2018-19, o Atleti ficou em segundo lugar em La Liga.

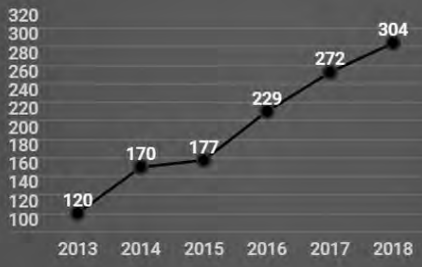
Diego Simeone tem contrato com o Atlético de Madrid até 2022 e enfrenta desafios novos em 2019-20. Renovou sua defesa e perdeu sua grande estrela. Diante da implacabailidade do tempo, Godín, Filipe Luís e Juanfran partiram em definitivo. Griezmann também. Assim, a temporada já é aquela em que o clube mais gastou na história: €243,5 milhões. Em contrapartida, recebeu €311,1 milhões — sobretudo com as saídas de Lucas Hernández, Rodri e do *Grizou.* Será um novo e reformulado plantel rojiblanco, mas se trata de uma potência que segue crescendo, tendo ultrapassado os €300 milhões de receitas em 2018 (impulsionado pela mudança para o estádio Wanda Metropolitano, como confirmam os 39% de aumento das receitas de *matchday*).

O tempo das receitas baixas, altos gastos e poucos títulos ficou distante, lá no passado. Como disse o diretor executivo do clube, ainda em 2017: “Somos o clube mais eficiente do mundo. Não sou eu quem diz, são os dados”. ■

# A busca pela eficiência (2012-2019)

## De onde vem e para onde vai o dinheiro do Atlético de Madrid

### Evolução das receitas do clube



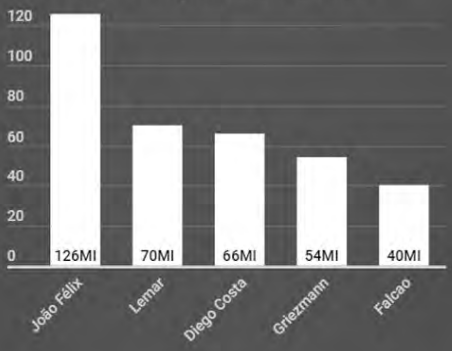

### O fator Wanda Metropolitano

Durante o período, o Atlético de Madrid também trocou o estádio Vicente Calderón pelo Wanda Metropolitano, o que aumentou suas receitas de *matchday*, em 2018, em 39%

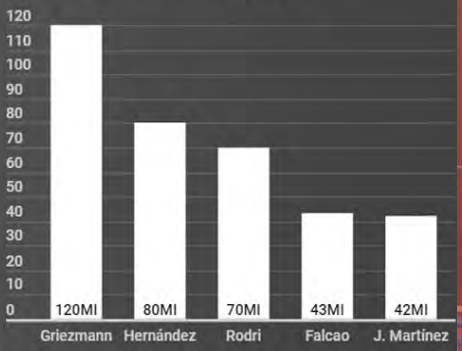
### Êxitos esportivos

Desde a chegada de Diego Simeone, o Atlético de Madrid conquistou A Liga Europa (2011-2012 e 2017-18), a Supercopa da UEFA (2012 e 2018), a Copa do Rei (2012-13), La Liga (2013-14) e a Supercopa da Espanha (2014). Chegou, também, à final da Liga dos Campeões (2013-14 e 2015-16)

### Contratações mais caras




### Vendas mais caras




Obs: A contratação de Álvaro Morata (56MI) será consumada na temporada 2020-21.

Share

Made with infogram

# O RIDÍCULO MILAN PRÉ-BERLUSCONI

*Antes do sucesso estrondoso no fim dos anos 1980, o Milan era um time bizarro e abalado pela crise de um presidente fugitivo*

**ITÁLIA | POR FELIPE PORTES**

O Milan não é grande apenas por causa de Silvio Berlusconi. Mas deve seu renascimento ao magnata italiano, que resgatou o clube de uma fase devastadora na primeira metade dos anos 1980. Pensar nos *rossoneri* daquele período é um convite a relembrar os tempos do treinador Arrigo Sacchi, e de craques da estirpe de Paolo Maldini, Franco Baresi, Mauro Tassotti, Carlo Ancelotti, Roberto Donadoni, Frank Rijkaard, Ruud Gullit, Daniele Massaro e Marco van Basten — aquele esquadrão de encher os olhos por conta de suas novas tendências táticas, que tomou a Europa de assalto em 1989 e 1990.

Essa história, muito popular, é a primeira que vem à lembrança. Naturalmente, os grandes nomes fizeram do Milan um adversário mundialmente temido. Mas o que poucos se recordam é que, um ano e meio antes da arrancada ao título italiano, em 1988, as coisas iam de mal a pior em Milanello. Crises políticas, um elenco tosco e resultados desanimadores causaram turbulência no início da Era Berlusconi.

Para começo de conversa, o comandante era o sueco Nils Liedholm, de enorme estatura dentro do clube. Jogador e multicampeão nos anos 1950 ao lado dos compatriotas Gunnar Nordahl e Gunnar Gren, o Barão tirara a Roma do limbo e a tornara finalista europeia em 1984. Meses depois, tomou o rumo do San Siro para tentar completar a sua missão enquanto treinador. Mas Liedholm não encontrou limões suficientes para fazer uma limonada saborosa em Milão. O que viu foi um vestiário perdido em meio à alternância de poder na alta cúpula.

**O cenário perfeito para Silvio Berlusconi**

Giuseppe Farina, o presidente, estava em litígio com a agremiação e teve de se exilar para não ser preso em solo italiano. O drama se estendeu por toda a temporada 1985-86. Giussy, como era conhecido na cidade, fugiu para a África do Sul para não arcar com as consequências de seus atos. A suspeição era enorme: Farina era acusado de desviar dinheiro dos cofres milanistas, maquiar o balanço fiscal e sonegar impostos; teve até um mandado internacional de prisão emitido em seu nome. Foi para detrás das grades e escapou de uma pena maior por ter feito greve de fome e uma negociação com as autoridades italianas.

Farina havia comprado o clube de Felice Colombo em 1982, enquanto a equipe se encaminhava para um novo rebaixamento para a Serie B. A passagem pela presidência foi curta e desastrosa. Na década anterior, ele fez surgir o Vicenza como uma alternativa interessante dentro do futebol italiano. E aparentemente viveu disso até uma decadência repentina. A história se repetiu à frente do gigante rubro-negro.

Giussy não tinha outra alternativa senão repassar o Milan a outro empresário. Seu novo presidente, o 20º na história, era ninguém menos que Silvio Berlusconi, vindo do ramo imobiliário e que se tornara dono do grupo Mediaset de comunicação. O conglomerado, com diversos veículos de mídia, expandiu-se enormemente nos anos 1980, criando ramificações no setor de bancos privados. Berlusconi se envolveu em tantos ramos que é até difícil resumi-lo a um segmento. A cargo de não estender muito esse contexto, tratemos Silvio como um empresário do entretenimento, por seu papel como investidor em emissoras de TV em meados dos anos 1970, explicando, pois, sua ascensão.

Berlusconi, então, adquiriu o Milan, que em pouco tempo seria o brinquedo preferido e propulsor de sua carreira política na década seguinte. Nada como unir o futebol aos interesses financeiros e pessoais. o mandatário se acertou com Farina em 1986, com a dura missão de tirar o clube do atoleiro. Ele só tinha a ganhar na história.

**Faz-me rir**

Em essencial, o Milan não correu risco de rebaixamento em 1985-86, mas passou algumas vergonhas de enorme contraste com o colosso financeiro alimentado pela sua nova gestão. O elenco da temporada não era exatamente o sonho da torcida. Enquanto os rivais ostentavam jogadores fora de série como Michel Platini, Diego Maradona, Karl-Heinz Rummenigge, Bruno Conti, entre outros, o Milan se contentava com o goleiro Giuliano Terraneo e a espinha dorsal da super defesa dos anos 1990, com Franco Baresi, Mauro Tassotti, o jovem Paolo Maldini e Alessandro Costacurta. Destes craques, apenas Tassotti e Baresi eram consolidados. Costacurta e Maldini ainda estavam no início de suas carreiras. O meio-campo era bem mais modesto. Agostino Di Bartolomei, ex-Roma, Alberigo Evani e o inglês Ray Wilkins eram os destaques. Na frente, um trio

de peso: Mark Hateley, Paolo Rossi e Pietro Paolo Virdis, artilheiro milanista durante quatro temporadas seguidas entre 1985 e 88. No papel, uma equipe de valor. Na prática, as coisas foram um pouco diferentes. Rossi, inclusive, já não era a sombra do goleador que levou a Itália ao título mundial em 1982.

Nada mal para um grande em má fase? Nada mal. Mas ao fim da campanha, o Milan se provou incapaz de vencer clássicos e estacionou no meio da tabela, com uma sequência terrível de derrotas. Nas Copas, teve desempenho medonho e eliminações contra equipes irrelevantes. Pela Copa da Itália, o algoz foi o possante Empoli. Na Copa da Uefa, os italianos não conseguiram nem superar os belgas do Zulte Waregem. A saída continental se deu em pleno San Siro, com derrota por 2 a 1. Para se ter uma ideia da ineficiência ofensiva do Milan, o artilheiro do ano foi Hateley, que fez apenas oito gols, seguido por Virdis, que anotou seis. Por um ponto, os rossoneri não beliscaram uma vaga na Copa da Uefa, briga em que a Inter levou a melhor ao somar 32. Convenhamos, não seria nada justo que uma participação tão cambaleante ainda recebesse um prêmio de consolo.

Liedholm estava desgastado no cargo. A pressão por resultados tirou o resto de proveito que o senhor sueco tinha do jogo. Na temporada seguinte, já sabendo o que lhe esperava, abandonou o barco e deu lugar ao jovem Fabio Capello, que treinava os times juvenis e havia revelado Maldini e Costacurta. Quando completou sua formação em 1986, Fabio foi indicado pelo próprio Liedholm para ser o sucessor. No entanto, a passagem de interino foi curta. Capello pegou praticamente o mesmo time e o guiou a um quinto lugar na Serie A, com vaga na Copa da Uefa.

Do segundo semestre de 1987 em diante, quem assumiu a missão foi outra aposta: Arrigo Sacchi, maestro de um emergente Parma. Capello teve de esperar alguns anos para ter a sua chance como efetivo. O time de Liedholm, que provocou risos pela Itália, transformou-se rapidamente em uma máquina nas mãos de Capello e Sacchi. Vitaminado pelas contratações de Donadoni, Ancelotti, Colombo, Massaro, Gullit e Van Basten, o *Diavolo* mostrou força e arrancou ao scudetto em 1988. Início cambaleante à parte, Berlusconi riu por último, e, certamente, riu melhor. ■

# PIERRE VAN HOOIJDONK

**ENTREVISTA**
**POR FELIPE PORTES E WLADIMIR DIAS**

A Holanda revelou alguns talentos memoráveis no setor ofensivo ao longo dos anos 1990. De cabeça, qualquer um pode se lembrar de Patrick Kluivert, Ruud Van Nistelrooy, Roy Makaay, entre outros. Presente em três torneios internacionais com a camisa alaranjada, Pierre van Hooijdonk faz parte dessa história de uma maneira peculiar.

Subestimado por não ter defendido Ajax ou PSV em sua carreira, o artilheiro e exímio cobrador de faltas deixou sua marca no futebol. Ao todo, em 18 anos como profissional, marcou 375 gols, marca superior a de seus contemporâneos. Curiosamente, nem Marco Van Basten, estimado como o melhor atacante holandês de todos os tempos, chegou perto disso. O único centroavante do país que ameaça o feito de Pierre, acredite, é Klaas-Jan Huntelaar. O veterano do Ajax tem 352 tentos em seu nome, ao menos até o fechamento desta edição.

O caminho percorrido por Pierre foi diferente em vários sentidos. A começar pelo fato de ter sido lançado pelo RBC Roosendaal, modesta equipe que chegou a falir em 2011 e hoje disputa apenas competições amadoras. Nascido na cidade de Steenbergen, na região Brabante do Norte, cresceu torcendo fervorosamente pelo NAC Breda, equipe pela qual desfilou enquanto jovem, ainda que como meio-campista. Dispensado aos 14 anos, retornou anos mais tarde, na função de centroavante, após adaptação no Roosendaal. No alto de seus 1,92m, Pierre se achou na pequena área e acrescentou um raro talento em bolas paradas ao seu repertório.

De Roosendaal para Breda, e de Breda para Glasgow. Com a camisa do Celtic, entusiasmou a torcida local em três temporadas, marcando mais de 50 gols. Rusgas com o presidente do clube provocaram uma saída precoce para o Nottingham Forest, mas o destino lhe seria um tanto justo: o voo europeu rendeu convocações para a seleção holandesa. Van Hooijdonk esteve entre os atletas que disputaram a Copa do Mundo de 1998, que para muitos é a última grande equipe montada pela Holanda, comandada por Guus Hiddink.

Pierre é um artilheiro que entregou gols por diferentes equipes. Também passou por Vitesse, Benfica, Feyenoord e Fenerbahçe,

Twitter/pierrevh17

sempre anotando gols na casa dos dois dígitos por temporada. Na Holanda, viveu seu melhor momento pelo Feyenoord, com a conquista da Copa Uefa de 2001-02, frente o Borussia Dortmund. A façanha foi relembrada por nós na *Relvado #8,* na seção Lado B dos Botões.

Hoje do lado de fora do campo, o gigante acompanha de perto a carreira de Sydney, seu filho, um atacante de 19 anos que está no NAC Breda. O garoto estreou em 2018 entre os profissionais, e Pierre garante ter dado ao herdeiro alguns dos elementos que o fizeram ter êxito entre os anos 1990 e 2000. Os conselhos vieram durante o período de Pierre como treinador das equipes de base do NAC, mas hoje se restringem à relação entre pai e filho.

Na Holanda, é possível vê-lo como comentarista pelas emissoras *NOS* e *Ziggo Sport*, outra prova de que o futebol ainda está longe de deixar a rotina da família. Entre tantas partidas na TV e atuações pela equipe de masters do NAC Breda, falamos com van Hooijdonk por telefone. E não foi preciso muito tempo para que ele nos desse uma perspectiva do que passou pelos seus olhos de 1989 até 2007, período em que esteve em atividade. Conversamos sobre a decepção no Mundial de 1998, os primeiros anos como profissional e alguns dos companheiros mais marcantes que ele teve ao seu lado.

**Relvado: Como foi o despontar em clubes de menor expressão nacional e, mesmo assim, chegar à seleção holandesa (na época, atuando no NAC Breda)?**

Pierre van Hooijdonk: Eu acho que não foi a forma mais comum de se chegar à Seleção. Mas acredito que isso me dá mais satisfação por ter acontecido assim. Não fui rotulado como um dos grandes talentos e sequer fui escolhido por grandes clubes. Depois de alguns anos, chegar à Seleção me deixou muito feliz por saber que meu trabalho duro foi recompensado. Quando eu tinha 11 anos, eu fui escolhido pelo NAC Breda e joguei três anos lá. Eles me disseram, na época, que teriam de me deixar ir embora, pois eu não era bom o bastante. Voltei ao meu primeiro clube, amador [Welberg], e fui progredindo até a equipe principal. Mas era um nível muito baixo. Lembro que jogava como número 9 para eles, antes disso eu era meio-campista. Aí comecei a fazer gols, muitos gols, foi quando o RBC Roosendaal me chamou. Hoje o clube não está mais entre os profissionais, naqueles tempos ainda atuava na segunda divisão holandesa. Claro que não estava à altura dos demais clubes, mas foi importante. Eles assinaram comigo quando eu ainda era amador, vi aquilo como uma chance de ouro de ser profissional, era meu sonho.

**NAC Breda, RBC Roosendaal, Vitesse ou Feyenoord? Qual clube holandês foi mais marcante em sua trajetória?**

É uma pergunta difícil! O Feyenoord me deu uma projeção europeia incrível, apesar de eu ter convocações internacionais antes daquele momento. Jogar aquela decisão [contra o Borussia Dortmund] me satisfez demais, por conquistar um troféu em um papel de destaque. Acho que minha fase no NAC Breda é a mais importante, porém. Eu não era o jogador que fui no Feyenoord, ainda era jovem e estava progredindo. Estava em um bom time, ao lado de caras que me ajudaram demais nesse progresso. Ninguém esperava que eu fosse tão longe, especialmente por defender um clube pequeno. Mas os grandes olhavam mais para as minhas fraquezas do que para as minhas qualidades. Quando fui do NAC Breda para o Celtic, foi um enorme passo na minha carreira. Me adaptei rapidamente e marquei muitos gols.

*Twitter/pierrevh17*

**Você atuou com muitos craques e de gerações diferentes. Quem foi o jogador que mais te impressionou? Por quê?**

Acho que se eu tiver de escolher um só, será Dennis Bergkamp. Eu via ele fazendo coisas nos treinos, coisas que eu jamais seria capaz de fazer, mas também porque eu nem conseguiria pensar naquilo. Ele era um artista, tinha um cérebro diferente, um nível acima da média de raciocínio, e ao mesmo tempo tinha capacidade de combinar o pensamento com a bola nos pés. Ele trazia isso tudo para a realidade, com inspiração e grandes ideias.

**Sendo um jogador de grande estatura, é impressionante a destreza que você possuía para jogar futebol. Conforme você se desenvolvia como jogador de futebol, a altura exigiu adaptações em seu estilo de jogo ou foi mais um ponto positivo?**

Não, não, me ajudou! Eu gostava disso porque quando as coisas não estavam indo bem para o meu time, ou o jogo não encaixava com a bola nos pés, eu tentava resolver pelo alto. Portanto, não precisava necessariamente ir bem, era uma opção fácil. Me davam bolas longas e eu resolvia. Minhas pernas me ajudaram também no sentido de que eu cresci tarde demais quando era adolescente. Assim, meu domínio de bola era melhor do que esperavam de um cara do meu tamanho.

**E as cobranças de falta? Certamente, há muito treinamento envolvido, mas a qualidade para esse tipo de jogada vem com**

**você desde a infância ou foi algo que você decidiu aperfeiçoar para ter mais um diferencial?**

Não, eu sempre fui fascinado por cobranças de falta desde que Michel Platini levou a França ao título da Eurocopa em 1984. Ele marcou belíssimos gols na ocasião. Um pouco antes, vi Zico marcando contra a Escócia em um lance fantástico [Copa do Mundo de 1982], aquilo me inspirou. Você ser o cara principal do time por causa de uma bola morta me chamou a atenção desde a juventude. Quando eu estava treinando finalização, a maioria do tempo passava batendo na bola com a parte de dentro do pé. Descobri rapidamente que eu poderia bater mais forte que a maioria, em faltas ou pênaltis. Os treinadores sempre me pediam para ser o cobrador, porque sabiam que eu tinha a habilidade de acertar a bola com força e precisão. No fim das contas, foi treino, treino, treino e evolução. Quando eu tinha 13 anos, já era muito melhor do que a maioria dos jogadores nesse sentido. Aos 23, 24, eu tinha uma boa marca em bolas paradas. *[Nota do editor: Mais tarde, Pierre explicou por texto qual era a sua técnica para cobrar faltas. Segundo ele, o método consistia em bater na bola com o interior do pé, levantando o tornozelo de acordo com a distância do gol para dar o efeito desejado. Ou seja: quanto mais longe estivesse da meta, mais alto deveria ir o tornozelo]*

**Falemos sobre Robin van Persie. Você viu seu talento desabrochar no Feyenoord. No entanto, na juventude ele ficou conhecido como uma figura complicada. O que você pode dizer a respeito da convivência com ele?**

Ele tinha 18 anos quando chegou ao nosso time. Nos treinos, eu podia ver a classe dele, sem dúvida. A técnica e a habilidade goleadora já estavam presentes. Tudo estava lá, mas não no mesmo nível que ele desempenhou mais tarde. Robin já se destacava naquele momento. Ele não tinha medo nenhum e isso deve ter causado alguns problemas nos primeiros anos, mas creio que isso também ajudou de alguma maneira.

**Você foi artilheiro por onde passou. Suas médias de gols são assombrosas. No entanto, nunca passou mais de quatro temporadas em uma equipe. Há algum motivo para isso?**

Por que eu sempre era comprado por outros clubes que procuravam bons atacantes! Eu sempre estive disposto a encarar novos desafios e me provar em diferentes níveis, assim descobrindo o quão bom eu era.

**É um privilégio ser pai de um jogador de futebol. Tendo toda a sua experiência, tem muito a dividir com Sydney e, certamente, deve fazê-lo com frequência. Qual foi o principal conselho dado ao seu filho quando ele decidiu enfrentar uma carreira no mundo da bola? O que você mais tentou ensinar a ele desde a infância?**

O que eu tentei passar a ele, antes de tudo, foi a forma de bater na bola. A grande maioria dos jogadores acertam com força ou ritmo, mas sem precisão. Se você quer ser um artilheiro, você precisa saber que há apenas um jeito: é bater na bola com a parte de dentro do pé. Só olhar para Lionel Messi, é raro vê-lo apenas marcando gols batendo na bola de qualquer jeito. É claro que há a possibilidade dele marcar em uma arrancada ou em uma finalização na pequena área, mas eu sempre aconselhei Sydney, desde que fui treinador das equipes dele, a fazer trabalho extra. Se você quer melhorar, trabalhe duro, trabalhe mais, mesmo se você for talentoso. E geralmente é isso que impede um jogador bom de se tornar um profissional de alto nível. Você pode ir mais longe que eles.

Os caras talentosos constantemente se sentem confortáveis demais com o que jogam, ou com a noção de que são melhores que o resto. De alguma forma, sempre paira uma ameaça de que os atletas menos talentosos cheguem mais longe do que os bons, apenas porque eles se esforçam mais. É o que acontece. Aos 16 anos, você não vai ser descoberto por um time grande. Mas não é por isso que você não vai alcançar um nível alto. Você ainda tem tempo de chegar lá. É o que sigo dizendo a ele. Isso ainda não aconteceu, mas na maioria do tempo peço a ele que observe e aprenda com os jogadores que estão ao redor, na mesma posição. Que veja como eles se comportam. Mas que também seja humilde até chegar o momento certo.

**Sua passagem pelo Nottingham Forest foi excelente apenas no segundo ano, quando o clube se recuperou de um**

**rebaixamento. Seus 34 gols serviram como credencial para a torcida e para Guus Hiddink, que lhe convocou para o Mundial de 1998. Que tipo de lembrança você guarda da cidade e da recepção no clube em Nottingham?**

Eu cheguei em Março de 1997 ao Forest. O clube tinha oito pontos na Premier League. Todos sabiam que eles seriam rebaixados, mas isso não me afetou. Eu sabia que precisava jogar, vinha de uma disputa contratual com o Celtic e tinha de estar em campo para mirar a convocação para a Copa do Mundo. Mudei de clube justamente por isso. Tive um ano excelente depois disso, com um bom elenco e jogadores experientes. Jogamos um bom futebol, então foi natural que conquistássemos o acesso com o título. Minha lembrança desse tempo é de que a estrutura não era tão boa, o que ficou provado logo depois, por isso que decidi voltar para a Holanda.

**Na Copa do Mundo de 1998, a Holanda tinha um dos melhores elencos de sua história e também da competição. Apesar disso, ficou aquém de seu potencial e acabou caindo para um Brasil pálido na semifinal. O que houve ali?**

Quando eu entrava para defender a seleção, nove entre dez jogos, nós estávamos atrás no placar. E daí começávamos a jogar um futebol mais ofensivo, criando mais chances. Então, depois que entrei naquela semifinal, Patrick Kluivert empatou o jogo na segunda etapa e nós estávamos preparados para a prorrogação. [Houve um lance em que] Eu apostei e tomei minha decisão, mas Júnior Baiano puxou minha camisa dentro da área. O árbitro me deu cartão amarelo por simulação. Eu estava protestando e fiquei realmente muito confuso, assustado e com medo de levar o segundo. Logo depois, a partida acabou e eu fiquei pensando como jogaria a meia-hora seguinte. Sei que foi pênalti, não tenho dúvida, ainda hoje tenho no meu celular aquela foto da falta. As pessoas continuam me perguntando se foi ou não pênalti. Claro que foi, você pode ver a minha camisa totalmente esticada. Mas não tínhamos o VAR naquele tempo...

**Havia uma sensação entre os jogadores de que a Holanda de 1998 tinha talento suficiente para buscar o título? O que aquela geração tinha como diferencial em relação às anteriores?**

É, antes do jogo sabíamos que seria duro encarar o Brasil. E tínhamos certeza de que éramos um grande time. Criamos boas chances, mas a eliminação daquele jeito, nos pênaltis, foi uma grande decepção, especialmente depois que vimos o Brasil perder para a França por 3 a 0 na final. De alguma forma ficamos orgulhosos de chegar tão longe, apesar da tristeza. Ficamos com a sensação de que dava para ter ganho o torneio, mas pensando melhor, seria quase impossível vencer a França na decisão.

**O maior senso comum que existe sobre futebol holandês no resto do mundo é a influência do Futebol Total no estilo de jogo, o cruyffismo. Onde você se colocaria nessa questão? Você prefere um futebol ofensivo e com riscos ou um jogo entediante, mas pragmático?**

Nosso estilo sempre foi ofensivo, fomos criados para pensar assim, sempre jogando no ataque. Mas eu prefiro ganhar. Se você não ganhar, é legal que lembrem de você pela boa impressão causada por jogar de determinada forma. Contudo, para mim, o que importa é vencer. Nada mais.

**Você esteve no centro de algumas das rivalidades mais ferrenhas do mundo. Sem pensar muito, qual dérbi te marcou mais na carreira?**

Eu diria que Celtic x Rangers era o mais pesado. Por conta da língua falada nas arquibancadas. Você consegue entender tudo o que eles estão cantando e há muitas ofensas. Você sente isso por entender o idioma. Já no caso de Fenerbahçe x Galatasaray, como eu não entendia o que eles falavam, não me senti tão atacado ou ofendido pelos gritos. Isso faz muita diferença. Por isso acabo colocando o dérbi de Glasgow como o mais marcante. Eu me senti muito preocupado em campo várias vezes, com gente cuspindo em mim e gritando coisas ridículas.

**Quando você voltou à Holanda, pelo Feyenoord, o time alcançou o título da Copa Uefa e você foi o artilheiro. Aquela foi a última conquista de uma equipe holandesa na Europa. Na época, vocês achavam que iria demorar tanto para outro holandês chegar ao lugar mais alto do continente?**

Não, não pensávamos nisso, em sermos os últimos holandeses a conquistar uma taça continental. Depois disso, porém, o padrão de qualidade da nossa liga caiu. Nossos jogadores saíam cada vez mais cedo, os experientes estavam em escassez, e isso refletiu na qualificação dos nossos clubes às competições europeias. Era sofrido, e eles constantemente eram eliminados muito cedo na Liga dos Campeões e na Liga Europa. Assim vimos que a Eredivisie não era mais tão boa quanto antigamente. Depois de alguns anos do nosso título na Copa Uefa é que percebemos que seríamos os últimos. Especialmente quando a Uefa direcionou mais vagas da Champions às principais ligas. Agora vemos quatro times dos grandes centros classificados para a Champions e a Liga Europa ficou enfraquecida, o que a torna mais acessível para equipes menores. Claro que também há exceções como o Ajax da temporada passada, foi inacreditável e eles tiveram muito azar contra o Tottenham. Não fosse por isso, teriam conquistado tudo.

Mas não conseguiram, então o Feyenoord continua sendo o último holandês a triunfar na Europa. Se você me perguntar de novo, acho que irá demorar um longo tempo até que isso mude. ■

# O CABECEIO IMPOSSÍVEL

*No apagar das luzes, Pierre van Hooijdonk "cabeceou" o Feyenoord às semifinais da histórica Copa da Uefa 2001-02*

**DIAS DE GLÓRIA | POR WLADIMIR DIAS**

Dentre os títulos conquistados pelo centroavante Pierre van Hooijdonk, um se destaca. A conquista da Copa da Uefa, em 2001-02, teve uma série de elementos épicos. Para início de conversa, o Feyenoord, clube em que desfilava sua habilidade goleadora, decidiu o torneio em casa.

Era um final única e, desde o início, se sabia que o De Kuip, em Roterdã, seria a sede do evento. As faltas decisivas de Pierre, e os confrontos pesados contra Internazionale e Borussia Dortmund apimentaram a glória. No entanto, em meio a tudo isso, uma eliminatória contra um rival chamou a atenção. Não só pela circunstância, mas por um gol.

Eram disputadas as quartas de finais daquela competição continental. O oponente era o PSV, anfitrião do jogo de ida. Em Eindhoven, ficou tudo igual: 1 a 1. Os comandados de Bert van Marwijk saíram ilesos do terreno hostil. Van Hooijdonk foi o nome do *Stadionclub* naquela noite. Com o oportunismo característico dos bons atacantes, o holandês se aproveitou de falha da retaguarda *Eindhovenaar*. Quando Jon Dahl Tomasson perseguiu o beque rival, seu parceiro sabia que a bola poderia sobrar. O chute do dinamarquês parou no goleiro Ronald Waterreus. No rebote, porém, Pierre abriu o placar.

Mateja Kezman, em grande fase, socorreu o PSV pouco depois. Lançado nas costas da defesa do Feyenoord, o sérvio deixou o confronto em aberto — exceto pelo fato de que a decisão seria em Roterdã.

Na semana seguinte, quinta-feira, 21 de março de 2002, a tensão quase absoluta durou 75 minutos. Contrariando o favoritismo momentâneo do Feyenoord, Mark van Bommel surpreendeu. Primeiro porque abriu o placar para os visitantes. Segundo porque ele, volante que era, não combinava propriamente com o golaço que se viu.

De fora da área, o capitão dos *Boeren* acertou o famoso “pombo sem asa”. Meio em pé, meio escorregando, colocou a bola no ângulo do arqueiro Edwin Zoetebier. Faltavam 15 minutos, mais os acréscimos. Era pouco. Bert van Marwijk parecia pensar exatamente

isso ao se descabelar no banco do Feyenoord. E a apreensão superou aquele quarto de hora. O encontro teve acréscimos e, no terceiro minuto, a descrença que já preenchia o íntimo de muitos dos presentes se transformou em êxtase imediato.

Como se deve, a partir da última gota de suor. Patrick Paauwe cruzou bola da esquerda. Ela percorreu toda a área do PSV e, diante da hesitação de um dos homens da casa, chegou aos pés de um defensor que tentava tirar os de Eindhoven do sufoco. No entanto, justamente aquele que havia sido tomado pela dúvida, Brett Emerton, foi à luta. De carrinho, recuperou a pelota. Ela chegou ao sueco Johan Elmander que levantou a cabeça e cruzou.

O tempo parou. Ou terá sido Van Hooijdonk que, à moda de Dadá Maravilha, parou no ar? Certo é que, olhando para a bola, ele, Van Bommel, não parou seu marcador. Pierre cabeceou para cima. Erro ou golpe de mestre? Da forma como o lance se desenrolou, esse era o único gesto técnico capaz de um milagre. A bola voou e, de repente, caiu. Longe do alcance de Wilfred Bouma. Era o 1 a 1.

A prorrogação era uma realidade. "Estávamos perdendo por 1 a 0, Van Bommel havia marcado. Então, no terceiro minuto de quatro dos acréscimos eu marquei provavelmente o melhor cabeceio da minha carreira", disse Pierre van Hooijdonk à *Relvado*. Os nervos voltaram a estar à flor da pele. Van Bommel, o outro protagonista da noite, cometeu seu último ato. Foi expulso aos 95 minutos. Depois, o máximo que aconteceu foi o cartão amarelo mostrado pelo árbitro Graham Barber ao japonês Shinji Ono, um dos bons operários daquele Feyenoord. Bola na marca da cal.

Arnold Bruggink, 1 a 0. Ono! 1 a 1. André Ooijer, hmmm, 2 a 1. Paauwe... Caixa! 2 a 2. Giorgi Gakhokidze. ZOETEBIER DEFENDE! 2 a 2. Kees van Wondereeeeen: 3 a 2. Jan Heintze, 3 a 3. Paul B-O-S-V-E-L-T! 4 a 3. Kezman, ice cold, 4 a 4.. Pi… Pi… Pierre van Hooijdooonk! No ângulo! 5 a 4.

De cabeça, o jogo que estava perdido encontrou um novo caminho. Depois, com os pés, confirmou que aquela era a rota a seguir, sem mais desvios. Sem mais Van Bommel — o impossível sendo questão de opinião, erro ou golpe de mestre. ■